

EDUCATRIX

líderes



as armadilhas do mundo virtual

A crescente onda de violência nas redes sociais preocupa famílias, professores e gestores. Toda comunidade escolar está em constante alerta mas ainda tentando descobrir formas de encarar as surpresas preparadas pelo mundo virtual.

olhar digital
| cidadania
digital

PG 8

cultura ESG PG 44
| tecnologia alinhada
às práticas ESG

escola aprendente/ PG 70
| professor: um
estranho na matrix

 **SANTILLANA**
EDUCAÇÃO

NOVA EDUCATRIX LÍDERES:

Conhecimento e inspiração para uma gestão transformadora!



Projeto gráfico ainda mais moderno



Conteúdos descomplicados



Novas editorias



Práticas e vivências da realidade das escolas brasileiras

“a”

Linguagem clara e objetiva





JÁ CONHECE O APP EDUCARIX LÍDERES?

Baixe gratuitamente o
APP Educatrix Líderes
e tenha nossos
conteúdos de forma
totalmente acessível
direto na palma da mão!



 **SANTILLANA**
EDUCAÇÃO

www.santillanaeducacao.com.br

 /santillanaeducacao



Segundo um estudo divulgado pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), nos últimos 20 anos o Brasil registrou vinte e três ataques com violência extrema nas escolas. Desses, 30% ocorreram somente no ano passado.

Diante dessa crescente e assustadora perspectiva surgem cada vez mais perguntas como: o que a tecnologia tem a ver com esse aumento de casos de violência dentro de nossas escolas? Devemos proibir nossas crianças de acessar ao mundo virtual? Como possibilitar uma navegação segura?

É por essas e outras questões que nesta edição trazemos uma série de reflexões acerca da importância de uma educação para cidadania digital, bem como, possibilidades de abordagens dos problemas desencadeados pela violência virtual, tema muito recorrente no mundo atual e situação frequente que muitos gestores escolares precisam lidar no dia a dia.

Dessa forma, seguimos pensando juntos, não só em como agir no combate a todo e qualquer tipo de crime virtual e suas consequências, mas também nas trilhas que devemos percorrer em direção de entender - e fazer ser entendida - a tão necessária regulação das redes sociais.

Hoje, contamos com medidas que podem ser aplicadas às circunstâncias como aquelas que estão previstas no **Código Civil Brasileiro** (Lei 10.406/2002), no **Código Penal Brasileiro** (Dec-Lei 2.848/40) e no **Marco Civil da Internet** (Lei 12.965/2014). Leis importantes, obviamente, mas é necessário ter em mente que essas medidas não contemplam as especificidades de alguns dos crimes cometidos e, é daí a urgência de se discutir uma pauta que consiga, de fato, estabelecer critérios mais determinantes (e específicos, claro!) da identificação de discursos de ódio e outras formas de violência permitindo que providências mais adequadas diante das ações sejam tomadas.

Em outros países, já existem outras leis estruturadas aplicadas ao contexto, por aqui seguimos caminhando e também buscando outros meios de trabalharmos juntos para proteger nossas crianças e adolescentes.

Boa leitura!

Fagner Vinicius Basilio Rodrigues
Gerente de Comunicação e Marketing

Ano 4 - Nº 5 - 2023

Conselho Editorial

Fagner Vinicius Basilio Rodrigues
Leonardo Rabelo Ribeiro
Raquel Divina Diogo Garrido
Roberta Soares Nazario da Silva
Solange Petrosino
Suelen Santos Monteiro
Tathiana Segolim Anselmo

Coordenação Editorial

Tathiana Segolim Anselmo

Articelistas

Ana Carolina Calil
Edimilson Cardial
Januária Alves
Karen Cardial
Rebeca Virna de Sá Vasconcelos
Vanderlei Campos
Zilda Kessel

Acontece na Escola*

Ana Carolina Calil
Colégio Arvense - Brasília

Revisão Final

Leticia Jeronis Yazbek Bitar
Tathiana Segolim Anselmo

Edição de Arte e Design

Robson Novaes

Capa

Robson Novaes

**Os artigos que compõe a seção Acontece na Escola, são disponibilizados virtualmente pelo aplicativo. Baixe o app da Revista Educatrix Líderes e tenha acesso ao conteúdo completo!*



Rua Padre Adelino, 758
São Paulo - SP | 03303-904

Educatrix Líderes é uma publicação semestral, gratuita, com a proposta de colaborar com a formação dos gestores das escolas parceiras.

ISSN: 2447-4991

faleconosco@santillana.com.br

É proibida a reprodução total ou parcial de textos ou imagens sem autorização prévia.

sumário - seções

Além dos horizontes

26

8

Olhar digital

18

Gestão pedagógica

38

Novas lentes

44

Cultura ESG

60

Outras Dimensões

68

Escola Aprendiz

80

Educação em Dados

84

Acontece na Escola

5 educatrix líderes

Edusfera

Você é único. Seu jeito de aprender também.

**SUA PLATAFORMA
DIGITAL PARA O
ENSINO MÉDIO.**



**SE O PERFIL DE APRENDIZAGEM
DE CADA ALUNO É ÚNICO, SUA
PLATAFORMA DE ESTUDOS TAMBÉM
TEM QUE SER.**

**A EDUSFERA CONTA COM DIFERENTES
POSSIBILIDADES DE ESTUDOS
MULTIMÍDIA, PARA QUE PROFESSOR
E ALUNO DESCUBRAM COMO MAIS
GOSTAM DE ENSINAR E APRENDER.**

Vamos aprender juntos. Mas cada um do seu jeito.

conheca.edusfera.com.br

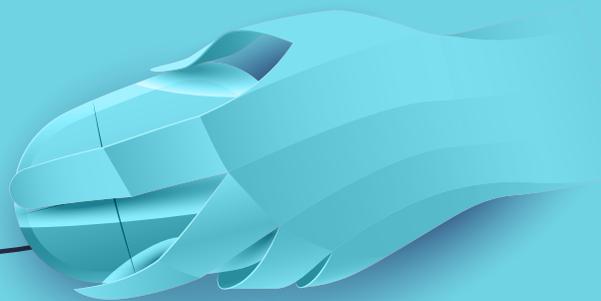


Conheça a
Edusfera, solução
digital para o
Ensino Médio.

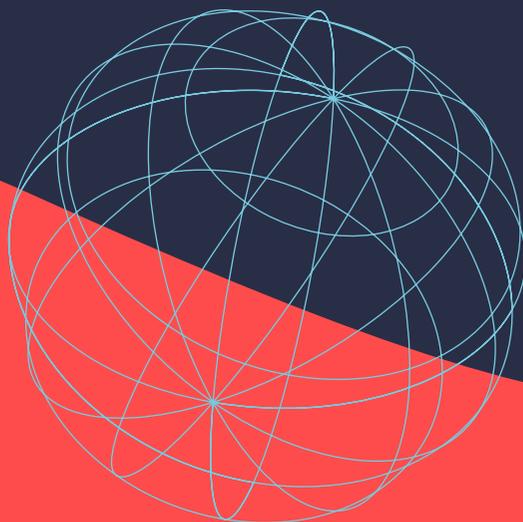
 /plataformaedusfera

 @plataformaedusfera

 /@edusfera



Cidadania digital: direito de todos, responsabilidade de cada um





Estamos todos conectados. Mesmo aqueles que, por algum motivo, não possuem acesso direto à internet (e não são poucos, infelizmente) são impactados pelo que circula no chamado “ambiente online”, seja econômica, social, cultural ou pessoalmente. Vivemos enredados e diante dos resultados da influência do mundo *online* e *offline* – discurso de ódio, *bullying*, extremismo e violência, fake news e toda a sorte de desinformação. Mais do que nunca, é preciso educar para a Cidadania Digital.

Por **Januária Cristina Alves**

Cidadania Digital é o direito garantido ao indivíduo de ter acesso a todos os tecnológicos disponíveis, ao mesmo tempo em que deve respeitar as normas para fazer uso deles de forma ética e sustentável.

Segundo a Safernet Brasil, criadora da disciplina de Cidadania Digital a ser aplicada nas escolas, trata-se da educação que busca preparar a sociedade para um uso seguro, responsável, ético e positivo das tecnologias. Segundo Rodrigo Nejm, psicólogo e Diretor de Educação da Safernet Brasil, essa disciplina busca desenvolver habilidade práticas, para que o usuário saiba como denunciar uma primeira ameaça velada: “Às vezes é uma situação que em códigos que só o adolescente que está ali naquele grupinho, reconhece que aquilo pode ser um sinal de ameaça. É urgente a gente entender que essa educação para cidadania digital não é mais um extra, não é um complemento. A escola é o contato com a sociedade que a criança tem desde cedo. E a nossa sociedade é digital”.

A questão que se coloca nos dias de hoje é que as crianças e jovens dessa chamada geração Z, que já nasceram conectados, são os alvos mais fáceis das chamadas *fake news* ou notícias

falsas. Ou seja, nascer com o dedinho que desliza fácil no *tablet* ou no celular, ou ter as informações do mundo inteiro a um clique de distância não garante que se tenha condições críticas de circular com segurança no universo *online*.

As pesquisas indicam que, de fato, as crianças são alvos fáceis para as notícias falsas. Segundo um estudo de 2021, feito pelo jornal acadêmico *British Journal of Developmental Psychology*, 14 anos é a idade em que, normalmente, as crianças começam a acreditar nas teorias conspiratórias. Muitos adolescentes também têm dificuldade em avaliar a credibilidade das informações *online*. Em um estudo de 2016 envolvendo quase 8.000 estudantes dos EUA, pesquisadores da Universidade de Stanford descobriram que menos de 20% dos estudantes do Ensino Médio questionaram seriamente alegações falsas nas mídias sociais, como um post no Facebook sobre radiação nuclear em uma determinada área no Japão.

De posse dessas informações, o que os diversos pesquisadores do mundo inteiro – e aqui destaco especialmente os esforços de todos os que compõem a Mil Alliance, Aliança Global para Parcerias em Alfabetização Midiática



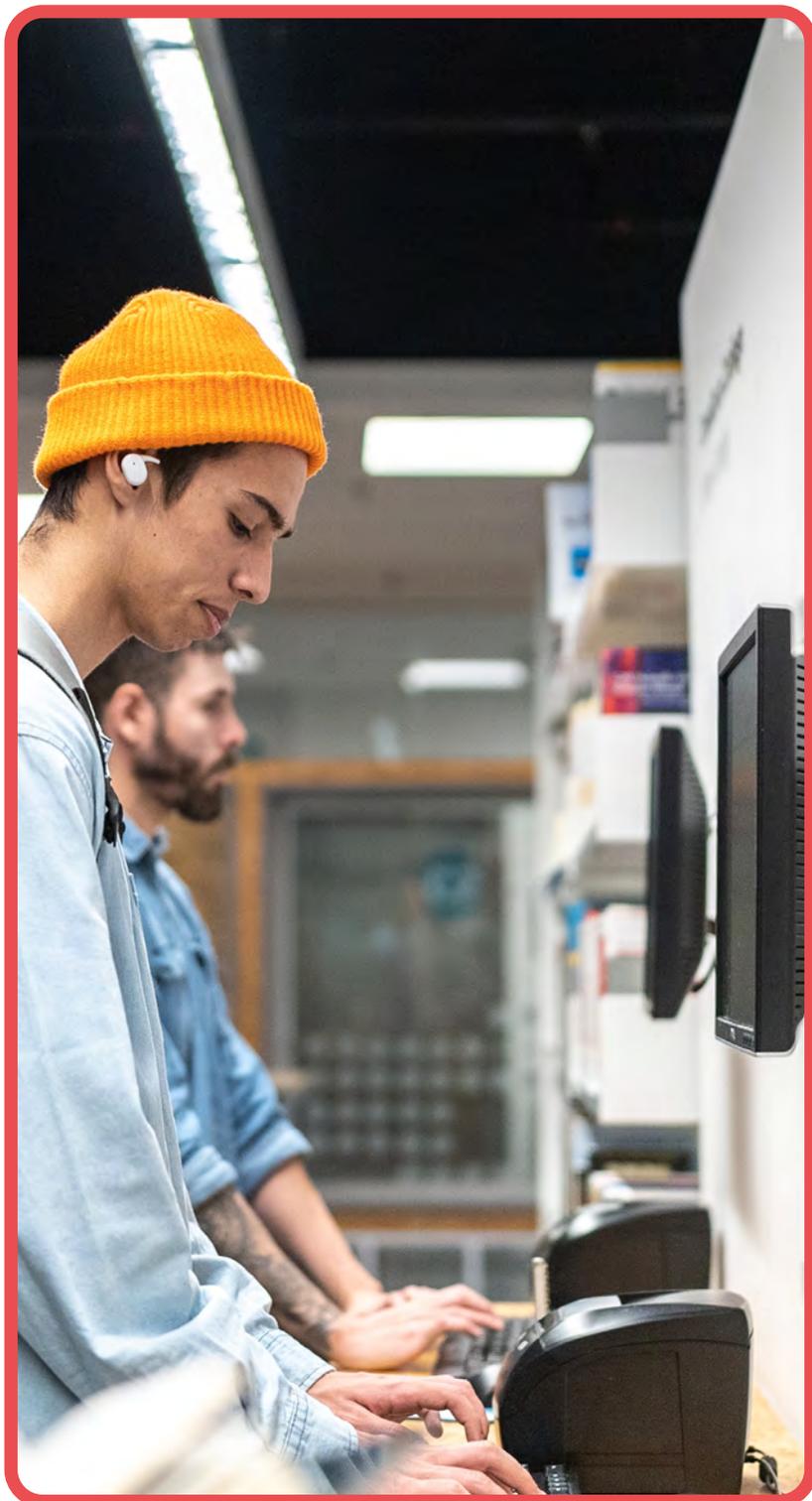
A escola é o contato com a sociedade que a criança tem desde cedo. E a nossa sociedade é digital”.

A educação midiática é parte constitutiva do arcabouço conceitual da Cidadania Digital e, por isso, é uma ferramenta imprescindível para as escolas



e Informacional da Unesco, composta por mais de 700 organizações, governos e indivíduos nos cinco continentes, da qual tenho o privilégio de fazer parte – querem saber é o que fazer para preparar as novas gerações para saberem diferenciar uma ilação de um fato comprovado, uma opinião de uma informação. Numa reportagem da *Scientific American* os entrevistados são unânimes em afirmar que a Educação Midiática é, com certeza, um dos caminhos mais eficientes: “Uma ferramenta que as escolas podem usar para lidar com esse problema é chamada de Alfabetização Midiática. **A ideia é ensinar as crianças a avaliar e pensar criticamente sobre as mensagens que recebem e a reconhecer falsidades disfarçadas de verdade. Para crianças cujos pais podem acreditar em teorias conspiratórias** ou outras mentiras alimentadas pela desinformação, a escola é o único lugar onde podem aprender habilidades para avaliar tais alegações objetivamente”, enfatiza a matéria. A educação midiática é parte constitutiva do arcabouço conceitual da Cidadania Digital e, por isso, é de uma ferramenta imprescindível para as escolas, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. >>>

Para crianças cujos pais podem acreditar em teorias conspiratórias ou outras mentiras alimentadas pela desinformação, a escola é o único lugar onde podem aprender habilidades para avaliar tais alegações objetivamente



Somos todos influencers

Educar para a Cidadania Digital passa, sobretudo, pela conscientização do papel de cada um de nós como usuários da internet e, mais especialmente, das redes sociais. Na “vida real”, todos somos influenciadores. Já há algum tempo a questão dos números passou a ter menos importância quando se avalia o poder de influência de quem está nas redes sociais. **Hoje já se fala em “micro influenciadores” ou até em “nanoinfluenciadores”: aqueles indivíduos que se comunicam com um público muito específico.** Quem está nas redes e engaja seguidores tem um compromisso com seu público. De *like* em *like*, de seguidor em seguidor, de amigo em amigo, todos nós somos *influencers*. Parafraseando o ditado popular, “caiu na rede, é influenciador”, não importa o número de amigos ou de *likes* nas postagens.





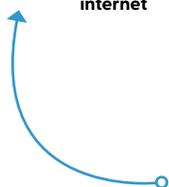
Participação X Interação

A própria noção de Cidadania envolve a participação de cada pessoa na sociedade em que vive. Ser um cidadão digital tem a ver, portanto, com a nossa participação nesse universo *online*.

No mundo em que vivemos, o público e o privado se fundiram, o negócio e a opinião se misturaram e *on* e *off-line* são um só, e os usuários tornaram-se também produtores, dando origem ao que se chama atualmente de “*producers*” (junção das palavras “produtores” e “usuários”). E as crianças e jovens foram classificados como tais, para o entusiasmo de uns, que entendem que, dessa maneira, estão se tornando pessoas com um maior potencial de participação e protagonismo democrático, e ceticismo de outros, que questionam que tipo de participação seria essa, e em que medida ela garantiria o exercício da verdadeira cidadania por parte desse público.

Trafegar na rede, por si só, implica em fazer escolhas, em inspirar e, portanto, em influenciar. Mesmo para quem está só “passeando”, sem produzir nenhum tipo de conteúdo, há uma consequência embutida em cada curtida. **“Você tem noção do peso de um like? É como se você fosse sócio daquele post”**, disparou a *influencer* digital Camila Coutinho em uma entrevista à revista Gama. Ela tem mais de 2,5 milhões de seguidores e se diz preocupada com a situação pela qual passa a internet: “Vivemos um momento em que todo mundo quer ter a opinião absoluta, e não é bem assim. Temos que respeitar a opinião do outro, por mais que ela seja diferente. É por isso que chegamos a níveis tão feios de debate nas redes sociais — todo mundo quer lacrar, terminar a discussão. E não é assim, nunca acaba, é uma conversa”, declara ela.

A TV, os jornais, e o rádio, se liquefizeram com o advento da internet



As fronteiras antes tão claras nos meios de comunicação com os quais estávamos acostumados, como a TV, os jornais e o rádio, se liquefizeram com o advento da internet. Esse papel duplo e simultâneo nas redes tem rendido muitos debates. Recentemente, em sua coluna para a Folha de S.Paulo, Ronaldo Lemos, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro, propôs a criação de um outro termo: “um neologismo em inglês como “*usered*”, mistura de “*user*” com “*used*”. Ou, em português, “usuado”, para se referir a quem usa, mas >>>

também é usado”. Isso porque, como bem observa: “o termo usuário dá a impressão de alguém que usa alguma coisa. No sentido original e romântico da palavra, é quem se senta na frente do computador para fazer algo. Só que no mundo de hoje não é o usuário que usa a tecnologia, mas é utilizado por ela (...) no mundo de hoje, em que a tecnologia, sensores e câmeras estão em toda parte coletando dados, é muito mais fácil ser utilizado do que utilizar. Não importa mais se você está logado ou não. Você não é só usuário do seu smartphone, mas está sendo utilizado por ele”.

É preciso aprendermos a diferença entre interatividade e participação. Ao contrário do que muitos pensam, elas não são sinônimos. Como bem define o estudioso de mídias americano Henry Jenkins, “a interatividade é propriedade da tecnologia, enquanto a participação é propriedade da cultura”. O que quer dizer que a participação deve ser um projeto educativo, de construção de

cidadãos conscientes de seus direitos, possibilidades de atuação social, de seus deveres e compromissos consigo mesmos e com o seu entorno. Os cliques, *likes* e comentários não passam do que os pesquisadores de mídias chamam de “pequenos atos de envolvimento”.

Que participação queremos ter

A questão da Cidadania Digital tem tudo a ver com a necessidade de percebermos o nosso papel nelas, como “*producers*”, ou, se achar melhor, como “usuados”. Que tipo de participação estamos tendo? E qual queremos ter?

A resposta a essas questões não está pronta, pois é complexa e multifacetada. Mas é preciso formar cidadãos digitais capazes de respondê-las, entendendo que ser protagonista no universo *online* tem a ver com muito mais do que produzir narrativas e interagir nas plataformas



Participar da internet e das redes sociais deve incluir, especialmente, o exercício de **ouvir e respeitar o outro**, sem o qual não se pratica o diálogo

por meio de comentários, memes e que tais. Tem a ver, sobretudo, com ser capaz de produzir conteúdos relevantes, criativos e principalmente que façam sentido para quem os produz e para a comunidade na qual se está inserido. É fundamental que essas temáticas sejam a expressão de quem as produz e seu contexto.

Participar da internet e das redes sociais deve incluir, especialmente, o exercício de ouvir e respeitar o outro, sem o qual não se pratica o diálogo, algo tão fora de prumo nesse ambiente. Nesse sentido, apostar na construção de uma Cidadania Digital consistente fará com que possamos avançar da mera esfera do consumo para o desenvolvimento de competências e habilidades que nos permitam viver com mais justiça, ética e sustentabilidade na era digital. ■



Januária Cristina Alves Mestre em Comunicação Social pela ECA/USP, jornalista, educadora, autora de mais de 50 livros infantojuvenis, duas vezes vencedora do Prêmio Jabuti de Literatura Brasileira, co-autora do livro “Como não ser enganado pelas fake news” e autora de “#XôFakeNews - Uma história de verdades e mentiras”. É membro da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação - ABPEducom, do grupo Jornalismo, Direito e Liberdade do Instituto de Estudos Avançados da USP e da Mil Alliance, a Aliança Global para Parcerias em Alfabetização Midiática e Informacional da Unesco. É colunista do Nexa Jornal escrevendo quinzenalmente sobre Educação Midiática.

Para saber mais

• **Cidadania Digital na Escola** – SaferNet Brasil



• **Guia para a construção de contranarrativas:**



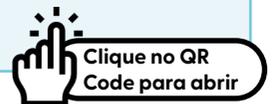
• **Eu também quero participar: cidadania e política aqui e agora,** Caia Amoroso, Coord. Januária Cristina Alves, SP, Moderna, 2014, Coleção Informação e Diálogo

• **Seja um cidadão global e transforme o mundo,** Rodrigo Reis, Coord. Januária Cristina Alves, SP, Santillana Educação, 2022, Coleção Informação e Diálogo

• **Empoderar crianças e jovens para a cidadania global: fundamentos e programa com atividades e referências da educação infantil ao ensino médio,** Fernanda M. Reimers [et al.], São Paulo, Moderna, 2017

• **Sobrevivendo nas redes: guia do cidadão,** Bernardo Sorj [et al.], São Paulo, Moderna, 2018

• **Crianças e adolescentes no mundo digital: orientações essenciais para o uso seguro e consciente das novas tecnologias,** Alessandra Borelli, Belo Horizonte, MG, Autêntica Editora, 2022





A GENTE COMPARTILHA QUE UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO PEDE UMA NOVA VISÃO DA EDUCAÇÃO.

UMA NOVA VISÃO
DA EDUCAÇÃO PARA
UM NOVO MUNDO.



+ de 900
ESCOLAS
no Brasil



presente em
17 PAÍSES



+ de 300 mil
ALUNOS
no Brasil



+ de 1,1 MILHÃO
de estudantes
no mundo



UM PROJETO GLOBAL VIVO

Desenvolvemos e implantamos **propostas educativas 360°**, voltadas para a realidade e as necessidades de cada escola. Um projeto completo e global, que oferece autonomia e flexibilidade na escolha dos materiais, sempre com o propósito de promover a transformação digital, o desenvolvimento contínuo e a personalização da aprendizagem da Educação Infantil ao Ensino Médio.

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS PARA SUA ESCOLA COMPARTILHA:



Sequência pedagógica

Materiais didáticos completos e aprendizagem contemporânea.



Tecnologia e ferramentas digitais

Gestão de aprendizagem com ferramentas e recursos digitais que complementam a oferta.



Formação integral

Foco no protagonismo do estudante e desenvolvimento de competências digitais e socioemocionais.



Implementação e acompanhamento

Atendimento com consultores educacionais com apoio, formações e acompanhamento através da plataforma.



SEJA UMA
ESCOLA COMPARTILHA

 modernacompartilha.com.br

 [/moderna.compartilha](https://www.facebook.com/moderna.compartilha)

 [@modernacompartilha](https://www.instagram.com/modernacompartilha)

 0800 770 3004

Não basta ser digital, tem que ter estratégia

“Antes um aluno brilhava, vários fracassavam, mas a escola entendia que era assim mesmo. “O novo ensino não permite mais isso. Agora, a pasteurização acabou e a personalização é tudo. É preciso tratar diferentemente pessoas diferentes”, diz *George Bento*

“Visão, competências, recursos digitais, infraestrutura: essas quatro dimensões compõem o *Modelo Four in Balance*, o roteiro básico de sucesso bastante utilizado no ramo da tecnologia da educação”, assegura *Fernando Barão*

No caminho para sua escola, diariamente o gestor se questiona sobre como trabalhar melhor os pontos altos e melhorar os itens que embaraçam o dia a dia. Para a real transformação, os gestores devem olhar para seu time. Todos estão informados da estratégia? Há motivação suficiente para surpreender pais e alunos? Quem faz essa reflexão é o educador George Bento, diretor da ABED - Associação Brasileira de Educação a Distância e professor com experiência em escolas de educação básica de Pernambuco. “A digitalização permite que se tenha custos racionalizados. Não precisa de tantos especialistas, é focar no principal core da escola: ensino/aprendizagem”, diz ele.

Com longa experiência com escolas, o consultor da Corus, Fernando Barão, economista pela USP, diz que a partir da pandemia, as escolas aceleraram seus mecanismos de integração da tecnologia ao processo pedagógico. Isso requereu uma abordagem estruturada sobre a transformação digital. “Em primeiro lugar, é fundamental afirmar que esse processo tem o potencial de se tornar muito longo e caro para a escola. Por isso é indispensável que seja feito a partir de parcerias estratégicas com empresas especializadas”, afirma Barão. >>



A digitalização
permite que se
tenha custos
racionalizados

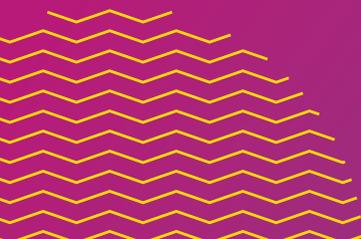


SANTILLANA
EDUCAÇÃO

Conheça os cursos de
formação continuada
da **Santillana Educação!**

A partir dos eixos do saber
citados da Base Nacional
Comum Curricular para a
Formação de Professores,
criamos conteúdos que visam
ao desenvolvimento integral
do profissional e ao
aprimoramento da
prática pedagógica.

Nossos cursos foram
elaborados com o propósito
de contextualizar, explicar,
demonstrar, ajudar e inspirar
professores e gestores
a utilizarem com sucesso
as soluções da
Santillana Educação!





**Os cursos do EaD são
exclusividade das
escolas adotantes das
soluções educacionais
da Santillana Educação.**

São **4** tipos de conteúdos:

- Cursos de implantação
- Cursos livres de temáticas educacionais
- Canal de dicas do time EaD
- Canal de trocas de experiências

Se você ainda não conhece nossos cursos de formação, converse com um de nossos consultores!

EaD
SANTILLANA
EDUCAÇÃO

 **SANTILLANA**
EDUCAÇÃO

Uma nova identidade para **uma nova jornada.**

Repensamos a pedagogia,
Reinventamos os espaços,
Reimaginamos a estratégia e
Reafirmamos o comprometimento.

Com três conceitos-chave:

**inteligência de dados,
metodologias fluidas
e conectividade.**

Bem-vindos à **r**evolução

Vem aí um novo **UNOi**
para a sua escola.



Acesse o QR Code
e saiba mais!



-  unoi.com.br
-  [/unoibrasil](https://www.facebook.com/unoibrasil)
-  [@unoibrasil](https://www.instagram.com/unoibrasil)
-  [/@unoibrasil](https://www.youtube.com/@unoibrasil)



“Sem estratégia, o dinheiro pode ser mal gasto”

Fernando Barão



Barão, que trabalha com escolas desde 1994, tendo sido diretor do Sieceesp, alinha quatro fatores que a escola deve priorizar para tomar as decisões certas:

VISÃO: precisa ter muita clareza quanto à estratégia e o caminho a ser percorrido para a transformação digital.

COMPETÊNCIA: necessário garantir formações de qualidade para a equipe, provendo as habilidades e os conhecimentos específicos, tudo isso alinhado ao projeto.

RECURSOS DIGITAIS: adotar as ferramentas, programas, aplicativos e plataformas mais bem adaptados ao currículo e que garantam melhoria no aprendizado dos alunos.

INFRAESTRUTURA: precisa estar bem provida de equipamentos, conectividade e softwares para uma operação eficiente e segura.

Essas quatro dimensões compõem, segundo Fernando Barão, o “Modelo Four in Balance”, bastante utilizado no ramo da tecnologia da educação. Elas compõem o roteiro básico de sucesso para esse processo de transformação digital.

ENSINO PERSONALIZADO

Quem não mede, não gerencia. As ferramentas digitais mudaram completamente a gestão dentro de uma escola: hoje se tem dados dos alunos, sua evolução no aprendizado, permitindo dar-se um tratamento personalizado. “Antes um aluno brilhava, vários fracassavam, mas a escola entendia que era assim mesmo. O novo ensino não permite mais isso. Agora, a pasteurização acabou e a personalização é tudo. É preciso tratar diferentemente pessoas diferentes, diz George Bento.

Qual o caminho que as escolas devem seguir frente a tantas mudanças no cenário educacional e concorrencial? George Bento entende que com a contínua melhoria do ensino público e com a pressão da sociedade nesse sentido, uma nova situação surgirá: os pais não terão constrangimento de matricular o filho numa escola pública, reflete George Bento. “Então restam às pequenas e médias instituições investir na qualidade do ensino/aprendizagem. Trabalhar na transformação do jovem para o

Quem não mede, não gerencia. As ferramentas digitais mudaram completamente a gestão dentro de uma escola: hoje se tem dados dos alunos, sua evolução no aprendizado, permitindo dar-se um tratamento personalizado.



trabalho, para a faculdade. Todas as tecnologias digitais estão a favor disso”.

George Bento entende que o fosso que separa a qualidade da educação pública da particular ainda é significativa, apesar de que ele calcula que em 10 anos esse cenário pode mudar muito. “Quando se avalia o novo ensino médio, vê-se que ele fracassou porque a escola pública não podia acompanhar. E muitas instituições particulares já entregavam esse novo modelo”. As escolas têm que oferecer serviço com tecnologia, porque aí começa o diferencial para o futuro dos alunos.

George Bento insiste que um diferencial da escola pequena e média é achar um posicionamento diferente para apresentar e convencer os pais de que podem oferecer uma alternativa para as crianças. E a escola profissional, segundo ele, é o caminho. “Vamos considerar que as áreas administrativa e financeira da escola já estejam resolvidas com a tecnologia disponível há algum tempo. Então o gestor tem que pensar em reposicionar sua escola”.

Diretor da ABED - Associação Brasileira de Educação a Distância, George Bento acompanha esse movimento há muitos anos. “O crescimento de forma exponencial da educação a distância no Brasil no ensino superior deve nos ensinar algo. Por exemplo, as dimensões do território nacional é uma causa. Mas fica evidente que a transformação que ocorre nas pequenas e médias instituições deverá ser pelo caminho do nicho para o superior. E profissional para as escolas particulares, como diferencial para concorrer com as grandes. ■

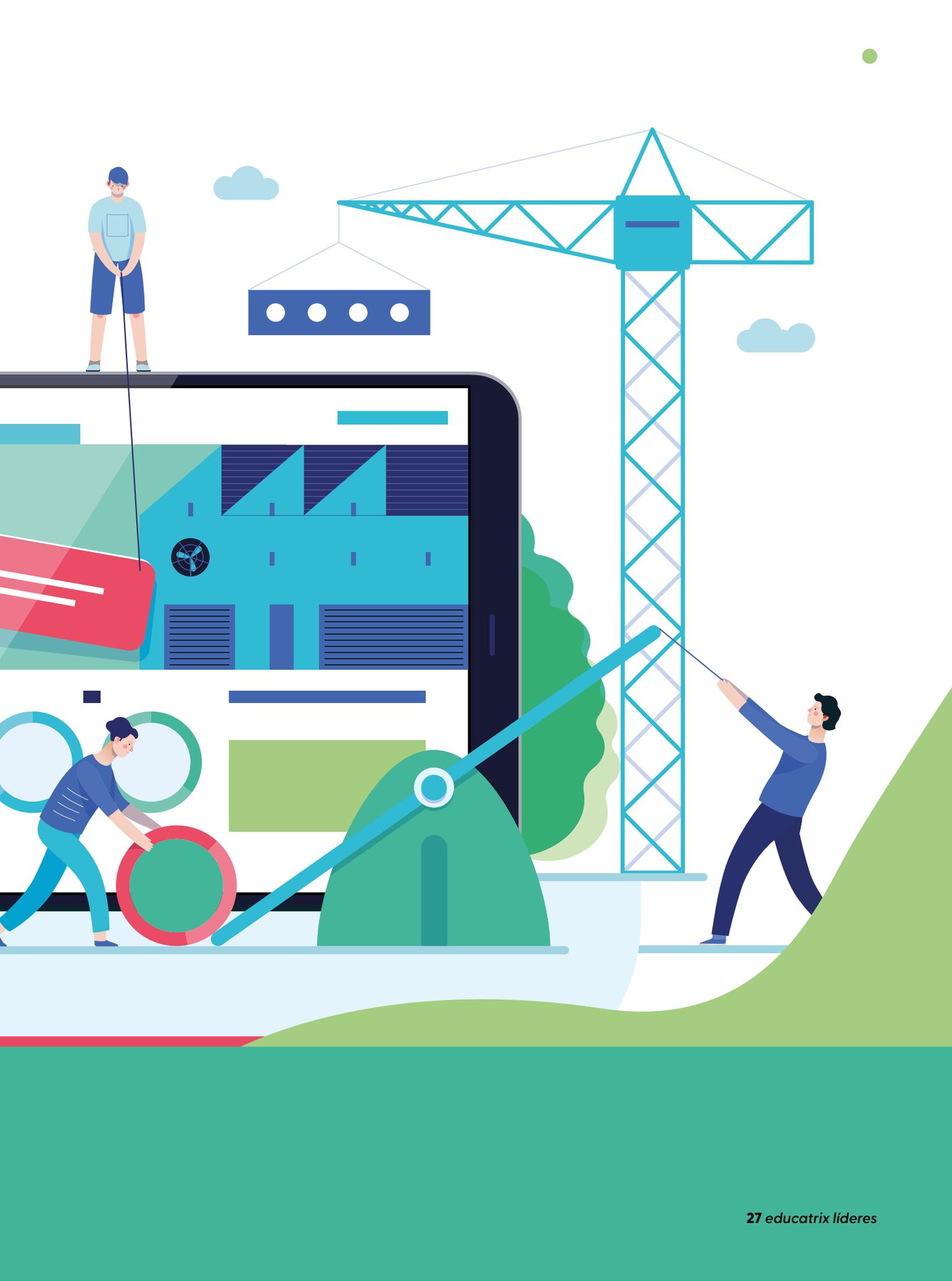
“O gestor precisa de focar no core business da escola”.

George Bento

A vida virtual: desafios dos novos espaços de interação

A imensa gama de oportunidades trazida pelas Tecnologias de Informação e Comunicação mudou profundamente a maneira como nos relacionamos uns com os outros e com a informação que produzimos e consumimos. Com um dispositivo digital e o acesso à internet podemos nos comunicar com qualquer pessoa em qualquer lugar, instantaneamente. As mudanças são tão significativas que impactaram várias áreas da vida social. Trabalhar, ouvir música, comprar e vender, aprender e ensinar, namorar, conhecer lugares, manifestar ideias são algumas delas. Fica até difícil lembrar como era a vida sem as mediações tecnológicas.





Vislumbramos, com o uso das tecnologias digitais, um mundo mais democrático, onde todos poderiam ter voz e acesso à informação. Ao contrário de outras mídias, em que poucos falavam para muitos, como o jornal ou a televisão, as mídias digitais deram a oportunidade de qualquer um navegar, produzir e partilhar informações.

No entanto, o mundo digital não é um outro mundo, ele integra a realidade em que vivemos, com as oportunidades e problemas que enfrentamos. Conflitos, violência, abuso, conteúdos falsos e inadequados e toda a sorte de problemas também habitam o espaço digital e demandam um posicionamento claro, que garanta a proteção de cada indivíduo.

Uma das mudanças que o uso das tecnologias digitais trouxe para as interações interpessoais foi a quebra dos limites entre os diferentes contextos. A escola, a casa e a rua se expandem. Alunos seguem interagindo, em tempo real, depois das aulas, assim como conflitos e conteúdos não escolares adentram a escola e competem com as atividades

que ali ocorrem. Ainda que fora do ambiente e do tempo escolar, impactam diretamente a escola.

O período do isolamento, condicionado pela pandemia de SARS Covid 19, ampliou a utilização das mídias digitais. Atividades presenciais passaram a ser realizadas à distância, o tempo de conexão aumentou para todas as pessoas e um imenso número de programas, plataformas e aplicativos foram criados ou aperfeiçoados para garantir a continuidade das atividades. Aprendemos a fazer reuniões de trabalho, de família, consultas médicas, entre muitas outras atividades. Na Educação, foi por meio das plataformas digitais que conseguimos manter, ainda que em parte, os vínculos entre professores, alunos e as vivências escolares.

Porém também ficaram muito mais visíveis, neste período, os desafios e problemas que a vida conectada traz. A pesquisa TIC Kids online Brasil 2021, liderada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) mostrou que hoje, 93% dos brasileiros entre 9 e 16 anos utilizam a internet. Dentre eles 78% transitam nas redes sociais, um aumento de 10% em relação à edição anterior da pesquisa. 62% tem perfil no Instagram, 58% no TikTok e 80% no Whatsapp. São mais de 20 milhões de jovens neste espaço, onde vimos crescer situações de conflitos e violência. Em algumas situações elas ocorreram no chat das próprias plataformas de ensino ou por meio do email da própria escola. Nesta condição, é possível, mais facilmente, observar o registro das interações



“A maioria das crianças, no entanto, aprende a transitar nesse universo sozinhas ou com amigos...”

e atuar de maneira a rever regras e restituir o bom clima entre os alunos, por estarem nos domínios da escola. No entanto, o uso generalizado e cada vez mais precoce de plataformas e redes sociais, externas à escola, dificultam acompanhar as interações e identificar situações de desrespeito e violência. Em ambientes de jogos e de interação com desconhecidos o desafio é ainda maior. Crianças e jovens estão ali sujeitos a ameaças como pedofilia, abusos e roubo de dados e sem qualquer mediação ou proteção.

Apesar da crescente competência no uso do digital, eles ainda têm muito a percorrer na aprendizagem de valores do respeito a si e ao próximo. Aprender a usar e a interagir, conhecer direitos e deveres, potências e perigos e fazer das tecnologias digitais meios de interação saudável são direitos de

todos os cidadãos e também tarefas da escola. Assim como os demais conteúdos e competências que a escola constrói com seus alunos, a aprendizagem do uso cidadão dos dispositivos e ambientes virtuais deve ser objeto do trabalho cotidiano, ao longo de toda a escolaridade.

A maioria das crianças, no entanto, aprende a transitar nesse universo sozinhas ou com amigos, apesar das competências digitais integrarem os currículos oficiais, com destaque para as competências gerais da Base Nacional Comum Curricular. >>

Escola Espaço de Aprendizagem de Convivência



Além de um consistente conjunto de habilidades e competências a serem construídas ao longo da escolaridade, o que inclui as competências digitais, a convivência é parte integrante da vida da escola. É ali que se pactuam e se vivenciam os valores e regras que devem ser respeitados por todos. Cada vez mais fica clara a profunda relação entre o clima escolar, as relações interpessoais e o seu impacto na aprendizagem dos alunos.

Longe de serem detalhe ou ruído, as competências socioemocionais, que garantem relações interpessoais respeitadas e não violentas, estão no centro de mudanças importantes, inclusive curriculares. Já presentes na proposta da Unesco, de 1996, para a educação do século 21, que coloca “aprender a conviver” como um dos pilares dos saberes necessários ao indivíduo, elas vêm ganhando atenção nas últimas duas décadas com grupos de pesquisa em universidades em todo o Brasil e ações estruturadas nas escolas. As competências socioemocionais integram a BNCC, promulgada em 2017, que reconhece o seu papel na construção do sujeito pleno, a quem deve ser garantido um conjunto de competências e habilidades voltadas para a interação: gerenciar emoções, manter um bom relacionamento consigo e com os outros, tomar decisões.

No período da volta à escola, após a pandemia, as questões relacionais se fizeram bastante presentes. Ao lado da preocupação com a recomposição

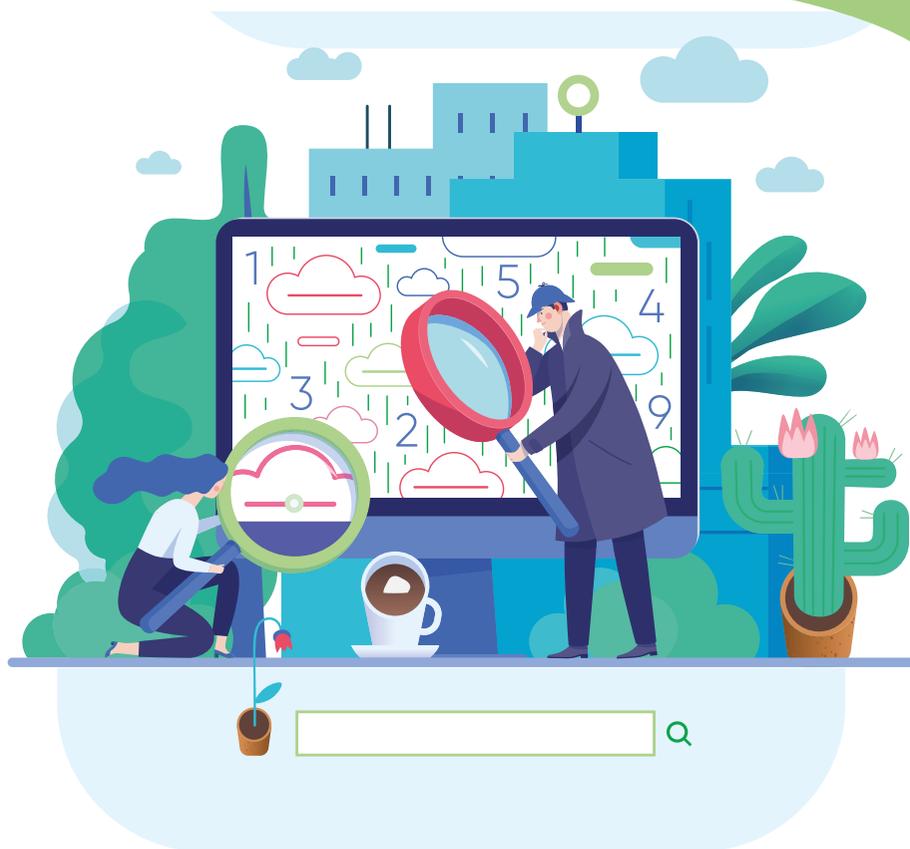
“O enfrentamento das questões relacionais, segundo especialistas, passa por uma gestão coletiva e responsável...”

da aprendizagem, o aumento dos transtornos mentais, as dificuldades de relacionamento e os conflitos entre os estudantes estiveram dentre as preocupações de educadores e familiares.

O enfrentamento das questões relacionais, segundo especialistas, passa por uma gestão coletiva e responsável com foco na convivência e nas relações interpessoais, todos os dias. Sabemos que conflitos fazem parte dos relacionamentos e é preciso construir o espaço para o acolhimento e a intervenção adequada em que os alunos aprendam a lidar com dificuldades e frustrações de maneira construtiva.

Pioneira dentre os pesquisadores, a professora Luciene Tognetta, da UNESP, chama a atenção para a condição necessária para a abordagem do tema da escola. “A eficácia de um programa de convivência e combate à violência na escola só é possível quando se organiza uma estrutura que reúna ações intencionais, planejadas e sistemáticas”, diz ela.

Os difíceis momentos enfrentados pelas comunidades escolares, no último mês de abril, mostraram a necessidade urgente de abordar questões relacionadas à convivência. O tema não pode ser abordado apenas numa aula semanal. Cada instituição deve incluir em seu Projeto Político Pedagógico os valores que regem as relações interpessoais, assim como



um plano de ação que envolva toda a comunidade escolar. Deve compreender que, para além das sanções aos maus comportamentos, é preciso garantir o espaço para abordar as questões de relacionamento no cotidiano: sentimentos, conflitos, acolhimento a alunos e professores. Metodologias de trabalho como as rodas de conversa e as assembleias têm propiciado espaço para a reflexão e a construção de códigos de conduta baseados no respeito. A isso soma-se a formação continuada de educadores, funcionários e alunos

para mediar e intervir de maneira adequada e construtiva em casos de agressão e bullying. Experiências com equipes de ajuda integradas pelos próprios estudantes, têm mostrado grande eficácia na melhoria do clima escolar, já que muitas vezes alunos vítimas de bullying e cyberbullying não se sentem seguros em compartilhar suas histórias com adultos, preferindo colegas. Por outro lado é muito importante que famílias sejam incluídas no sentido de apoiar e estabelecerem parceria nas ações da escola. >>>



“No contexto da escola, é importante que os alunos construam a consciência do espaço virtual como espaço que tem lei e onde valem os princípios de respeito cultivados presencialmente.”

Convivência no Espaço Virtual

Os projetos voltados para a convivência precisam considerar o espaço virtual já que nele se dá uma parte considerável das relações interpessoais. A vida no espaço digital não está apartada da experiência presencial. Grupos se formam, comunidades virtuais são o espaço de interação e o locus de relações de amizade e também de atitudes de agressão e violência, o que desafia a escola, para além do espaço físico sob sua gestão. A vigilância e a mediação das relações nesses espaços é demandada pelas famílias e pela sociedade à escola, sobretudo em caso de conflitos entre alunos, nas situações de *bullying* e *cyberbullying*.

O espaço digital traz, também, algumas características que podem agravar as situações de violência. O imediatismo da escrita, o alcance e sobretudo a criação imediata de registros, que perduram no tempo, ampliam conflitos e sofrimentos. Muitas vezes a agressão no virtual é cometida por pessoas que convivem com a vítima (condição comum nas escolas) outras o agressor é desconhecido.

No contexto da escola, é importante que os alunos construam a consciência do espaço virtual como espaço que tem lei e onde valem os princípios de respeito cultivados presencialmente. E saibam que registros podem ser alcançados e o pretenso anonimato

é frágil. O que fazem neste espaço pode ser objeto de abordagem e mesmo de sanções na escola, visto que impactam as relações e a aprendizagem. Compreender como plataformas digitais funcionam, o que são algoritmos, como é garantida a proteção e a gestão de dados são informações que ajudam os estudantes a compreenderem as ferramentas que utilizam.

Além disso, é importante que a comunidade escolar conheça e compreenda os impactos legais dos maus atos de jovens no espaço virtual. Poucos sabem que, a partir dos 12 anos, o que é crime, se cometido por adulto, pode ser considerado ato infracional, podendo ser definidas sanções pelo juiz

Vale apontar, entretanto, que a judicialização dos conflitos que ocorrem no contexto das relações interpessoais na escola e nos espaços virtuais deve ser a última das saídas, visto que condenar alunos ou seus responsáveis não restitui o clima de trabalho e cooperação necessários para a aprendizagem.

No espaço virtual, assim como no presencial, a formação de indivíduos comprometidos com o bem comum e cientes da importância de relações respeitadas e capazes de intervenções positivas é fundamental. Projetos voltados para a convivência apontam para a função do protagonismo

dos alunos. É preciso que sejam orientados a sair da condição de espectadores para a de protagonistas, capazes de mediar relações e identificar ameaças e agir pelo bem comum.

Usando os ataques a escolas novamente como exemplo, pesquisas têm mostrado que os agressores, parte deles alunos ou ex-alunos das escolas atacadas, têm alguns comportamentos identificáveis e utilizam as redes sociais para anunciarem seus planos, deixando visíveis a ameaça iminente às pessoas e às instituições. Mesmo comprometida e vigilante, a instituição escolar, sozinha, não tem estruturas de supervisão e monitoramento de todos os espaços e todas as plataformas digitais, mas pode construir parcerias com a comunidade, por meio da conscientização e da formação continuada de todos os integrantes. Este é considerado o meio eficaz não só de combater a violência mas de formar indivíduos íntegros capazes de construir uma sociedade menos violenta.

Família, alunos, integrantes e gestores, somos todos responsáveis pelas relações que construímos na escola e no mundo. >>>



Para além dos muros: o papel da sociedade.

Com o crescimento do uso das plataformas digitais, ficou claro que, para além do simples suporte às informações que transitam, elas devem também ser responsabilizadas pelo conteúdo do que distribuem e pelo mau uso das ferramentas que disponibilizam aos usuários. Em vários países, legislações vêm sendo construídas e aprovadas para combater a distribuição da *fake*

news, discursos de ódio, incentivo à violência, conteúdos inadequados assim como propaganda para menores, entre outras ações. *Google*, *TikTok*, *Twitter*, *Discord*, *Telegram* entre outros, têm sido chamados à responsabilidade sobre os dados que acumulam e distribuem. A legislação brasileira isenta as plataformas de responsabilidade e a retirada de conteúdos demanda mandato judicial. Mas isso está prestes a mudar com a votação no Congresso de Projeto de Lei 2630/20 que passa a obrigar as plataformas a se coresponsabilizar pelos conteúdos que distribuem, sendo obrigada a prevenir e mitigar conteúdos considerados criminosos, como crimes contra o Estado de direito, contra crianças e adolescentes, terrorismo, apologia ao suicídio e automutilações, violência contra a mulher, entre outros.

Longe de se configurar como cerceamento da liberdade de expressão, como algumas das plataformas reclamam, a regulação deve garantir o respeito aos cidadãos no sentido de terem seus dados protegidos, não serem expostos à violência e à desinformação e, ainda, que possam ter domínio sobre o que desejam partilhar e acessar.

“Longe de se configurar como cerceamento da liberdade de expressão, a regulação deve garantir o respeito aos cidadãos.”

As plataformas também deverão informar sobre os conteúdos pagos que disseminam e os algoritmos que utilizam para enviar informações aos usuários.

Como sociedade, é preciso conhecer e apoiar grupos organizados que vêm trabalhando arduamente para fazer da internet um espaço seguro e produtivo, em que cidadãos possam interagir e aprender. Muitos têm por foco a orientação e a produção de conteúdos de interesse de educadores e escolas e se configuram em excelentes fontes para o trabalho com a convivência digital. Dentre eles, a SaferNet vem trabalhando na conscientização e na implantação de projetos que garantem informação de qualidade. Também atuam junto ao governo no apoio à construção de políticas públicas e ações. Recentemente lançou um curso *online* e gratuito de 40 horas que forma educadores para o trabalho com cidadania digital. O instituto Alana, com foco na proteção da criança, atua junto a questões relacionadas à publicidade dirigida às crianças, inclusive pelos meios digitais. Reúne um interessante conjunto de vídeos e orientações em seu site sobre o espaço digital.

É na soma das ações educativas das escolas e das famílias somadas às políticas de proteção e enfrentamento da violência também nos meios digitais pelos órgãos governamentais, que faremos do ambiente digital um espaço de construção coletiva de saberes, seguro para todo o cidadão. ■

Para saber mais

Boas fontes de materiais para a sua escola:

· Safernet



· Instituto Alana



· Confira os indicadores da pesquisa TIC Kids Online Brasil - 2021 em



· Sobre convivência na escola - Escola, lugar de encontro:

a importância da convivência para a reconstrução do bem-estar das novas gerações, disponível em



· Violência premeditada e gestada na convivência tóxica



· Sobre grupos de ajuda nas escolas:

Grupos de ajuda formados por estudantes podem contribuir para a prevenção da violência na escola - disponível em



· Sobre formação em Cidadania digital para educadores:

Conheça o Canal de denúncias anônimas de crimes e violações contra os Direitos Humanos na Internet em



Clique no QR Code para abrir



Zilda Kessel é educadora, mestre em Ciência da Informação e Comunicação, ECA/USP e doutora em Currículo-Novas Tecnologias em Educação, PUC/SP. Atuou como professora em cursos de Pedagogia e Licenciatura, no Singularidades e no Senac/SP e nos projetos educativos do Museu da Pessoa, Instituto Itaú Cultural e Portal Claro. Coordenou a área de Tecnologia Educacional no Pueri Domus e na Beacon School. É assessora na área de Tecnologias Educacionais em escolas e organizações do terceiro setor. Integra o comitê gestor da Comunidade Práxis, que reúne educadores e pesquisadores da área de Tecnologias Digitais na Educação.

SFB

SISTEMA FARIAS BRITO

PREPARAMOS VENCEDORES PARA A VIDA.



Levanta e vai pra cima!
Junte-se ao sistema
de ensino tetracampeão
do Brasil no Enem.*

BRUNINHO
CAMPEÃO OLÍMPICO -
VOLEIBOL

Handwritten signature of Bruninho.

#SFBVENCEDORES PARA VIDA



Assista a uma
mensagem especial
do nosso campeão
olímpico para você.

*de 2016 a 2019, o Farias Brito (Colégio de Aplicação)
obteve a maior média GERAL entre as escolas do Brasil

Vencer exige muito preparo. É preciso ter determinação e contar com as ferramentas necessárias para evoluir a cada treino.

Nosso propósito é unir escola, famílias e alunos em uma jornada vencedora e, para isso, oferecemos os melhores recursos para uma educação da mais alta qualidade.

Afinal, nós treinamos juntos!

Conheça o sistema de ensino que realmente **prepara vencedores para a vida!**

ESSA MISSÃO SE EXPRESSA EM 3 PILARES:



CURRÍCULO

O SFB oferece recursos e assessoria especializada para que a escola tenha suporte em todas as questões relacionadas a currículo, seja uma atualização de conteúdo ou a necessidade de direcionamento pedagógico e de avaliações que precisem estar conectadas aos movimentos culturais e sociais do mundo.



AVALIAÇÃO

A avaliação formativa é uma etapa essencial do processo de ensino-aprendizagem, uma vez que dá ao aluno o controle do seu aprendizado e reflete, também, a prática pedagógica do professor.

Oferecemos à escola uma gama de ferramentas avaliativas, visando a facilitar a análise e o planejamento dos professores.

Dessa forma, proporcionamos melhores condições de organização do tempo e aplicação dos recursos, garantindo que os esforços sejam concentrados nas áreas mais relevantes para a instituição.

Além de soluções educacionais que ampliam as entregas para a gestão e o corpo docente de sua escola:

- Marketing Educacional
- Formações EAD
- Plataformas Administrativas
- Relacionamento (APPs)



CONSULTORIA PEDAGÓGICA

Uma escola atenta às mudanças constantes no cenário educacional percebe e planeja todos os setores que a compõem. Por isso, o SFB está à disposição para ser um parceiro que inspira e assessoria a escola por completo, com todas as soluções em um único lugar. A consultoria oferecida pelo Sistema Farias Brito se sustenta em

5 diferenciais:

- 1- Implantação do sistema
- 2- Atendimento personalizado
- 3- Encontros de gestores e jornadas pedagógicas
- 4- Plano de ação
- 5- Cursos EAD



sistemafb.com.br



[/SistemaFariasBrito](https://www.facebook.com/SistemaFariasBrito)



[@sistemafb](https://www.instagram.com/sistemafb)



[/@sistemafb](https://www.youtube.com/@sistemafb)



0800 772 1050



Ferramentas digitais colaborativas: *por onde começar?*

Quando o assunto é ferramenta, Karina Tomelion destaca três aspectos fundamentais que precisam ser levados em conta:

1. *Identidade metodológica,*
2. *Intencionalidade pedagógica,*
3. *Formação de professores*



Está cada vez mais evidente que promover estratégias de ensino e aprendizagem que estimulem o protagonismo do estudante, que valorize atividades práticas e colaborativas geram uma aprendizagem mais efetiva. Obtém-se uma aula memorável e desenvolve competências mais complexas, como resolução de problemas, criatividade, empatia, trabalho em equipe. Quem diz isso é a educadora Karina Tomelin, com atuação em todas as etapas de ensino.

Com as oportunidades criadas pelos recursos digitais de aprendizagem, o professor tem uma infinidade de ferramentas que podem auxiliá-lo na criação de aulas mais atraentes, mobilizando a fluência digital dos estudantes e ampliando a experiência da aprendizagem na sala de aula.

“Isso não é novidade para nós, mas a pergunta que você pode estar fazendo neste momento é *por onde começar e quais cuidados preciso ter ao mobilizar a utilização de ferramentas colaborativas na sala de aula?* Para responder a estas perguntas foco em três pontos principais”, diz Tomelin. São eles:

- 1. Promoção de um ambiente que favoreça a colaboração entre os estudantes.**
- 2. Mobilização de ferramentas digitais colaborativas nas aulas.**
- 3. Ferramentas colaborativas podem ser úteis para quem quer começar.**

SEUS ALUNOS
FAZENDO A
DIFERENÇA
NO MUNDO



NOSSA JORNADA É TRANSFORMADORA!

Todos concordamos que a **Educação é um dos caminhos mais poderosos para a evolução de pessoas e comunidades.** Mas, para nós, esse é apenas o ponto de partida e um convite para irmos além!

Acreditamos que todos podem ter acesso aos meios de atingir seu potencial, contando com as ferramentas certas para transformar ideias em ações.

É por isso que Kepler se baseia em quatro pilares fundamentais: **empatia, trabalho em equipe, criatividade e protagonismo do aluno.**

Prontos para decolar? Um universo de possibilidades nos espera!



EDUCAÇÃO: UM CONVITE AO COLETIVO!

O processo educacional é vivo e amplo, extrapolando os limites de qualquer sala de aula. Em outras palavras, precisamos garantir que exista uma ótima conexão entre os alunos, suas famílias, os professores e todos os profissionais de uma escola. É por isso que temos uma plataforma digital completa!

PLATAFORMA DIGITAL COMPLETA

Tecnologia educacional de ponta junto com o melhor conteúdo de livros didáticos. A plataforma digital Kepler oferece intuitividade, ambiente interativo e fácil entendimento para alunos e famílias. Aqui o aprendizado vai além da sala de aula.

RECURSOS DIDÁTICOS

Há dois ingredientes essenciais em todos os materiais que desenvolvemos: a paixão e a experiência de uma equipe que respira educação 24 x 7! E não estamos falando apenas do time da Plataforma Kepler. Afinal, por fazermos parte do Grupo Santillana, Kepler está inserida em um universo de marcas incríveis que produzem materiais didáticos e paradidáticos, criados para promover o desenvolvimento de professores e alunos, bem como as comunidades em que estão inseridas, com um objetivo claro: transformar a educação.

CONSULTORIA PEDAGÓGICA

Nós realmente estamos do seu lado e você sempre vai ter com quem contar!

- Cocriação de estratégias e definição das melhores práticas
- Cursos de Implementação assíncronos e disponíveis o ano todo!
- Formação contínua no modelo EAD para professores, com certificado
- Equipe de profissionais capacitados para esclarecer dúvidas dos professores ao longo do ano letivo

ORIENTAÇÃO PARA RESULTADOS

Lembra-se daquela sensação gostosa de se sair bem em uma avaliação? É essa a experiência que buscamos proporcionar aos nossos alunos, sempre de olho no momento em que eles se encontram em sua trajetória acadêmica. Mais do que notas, oferecemos oportunidades para que possam conquistar a autonomia intelectual que irá acompanhar cada estudante por muitos e muitos anos além da escola.

 plataformakepler.com

 [/plataformakepler](https://www.facebook.com/plataformakepler)

 [@plataformakepler](https://www.instagram.com/plataformakepler)

 0800 772 1045

Ambiente deve favorecer a colaboração entre estudantes

Pensar em estratégias de colaboração na sala de aula pressupõe rever o planejamento pedagógico, a sequência didática das atividades propostas pelo professor e, mais do que isso, seu próprio papel na construção dos conhecimentos e desenvolvimento de competências dos seus estudantes, explica Karina Tomelin.

As aulas tradicionais são organizadas didaticamente de forma muito clara: exposição do professor e escuta dos estudantes. Prevalece a organização em filas, em que os estudantes sentam individualmente, e o professor tem o papel de transmitir o conhecimento. As interferências neste modelo são pontuais e as regras são explícitas: normalmente os estudantes levantam a mão, fazem perguntas ou contribuições e são respondidos pelo professor. “Neste modelo, segundo Zaballa e Arnao controle/gestão da sala de aula é mais fácil”, diz.

“Quando pensamos em inserir estratégias colaborativas, há uma mudança não só dos papéis (professor e estudantes), como na própria organização social da sala de aula. Há uma complexidade maior, desde a gestão da sala de aula, como a necessidade de competências interpessoais e



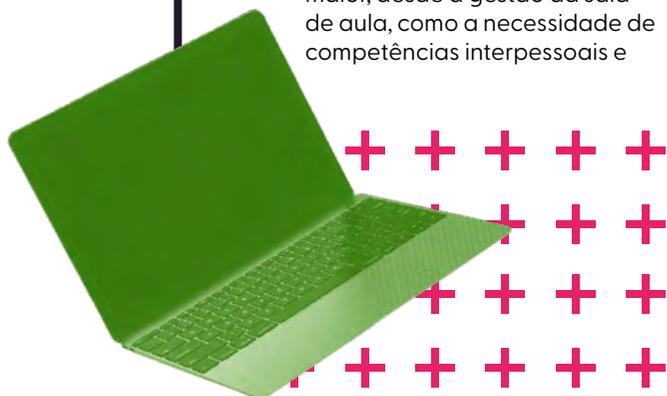
sociais que nem sempre estão tão desenvolvidas nos estudantes”, enfatiza Karina.

Antes de inserir estratégias de colaboração, o professor precisa introduzir aulas com estratégias para a criação de vínculos, ressalta a educadora. “Estas estratégias promovem o alto envolvimento afetivo dos estudantes e contribuem para a construção de ambientes mais colaborativos e respeitosos que consequentemente serão mais favoráveis ao desenvolvimento das atividades colaborativas”.

Uma das vantagens do desenvolvimento de ações colaborativas é o desenvolvimento de competências para a vida, como o trabalho em equipe. Além disso, atividades colaborativas tendem a melhorar a retenção da aprendizagem, na medida que a interação, a exposição, troca de ideias e até a explicação de um colega para outro, aumentam o engajamento e ampliam as possibilidades de aprender, segundo ela.

“Neste caso, o papel do professor migra da concepção meramente transmissora para facilitação e orientação da aprendizagem, em que precisará atuar na gestão do clima da sala de aula e garantir a participação dos estudantes, seu envolvimento, responsabilidades e compromisso consigo e com os outros”.

Para gerar um clima de aprendizagem seguro, é fundamental pensar em formas que promovam o sentimento de pertencimento e segurança psicológica na sala de aula. Os estudantes precisam se sentir à vontade para compartilhar ideias, sem medo de se sentirem julgados ou sofrer retaliações pelo professor ou pelos colegas. “Émy Edmonson, que introduziu o conceito de segurança psicológica, afirma que nenhum membro de uma equipe deveria ser punido por expressar suas ideias. Mas para isto acontecer em uma sala de aula que mobilizará atividades de colaboração, novas regras precisam ser introduzidas. Então, antes de pensar no recurso a ser inserido na próxima aula, reflita sobre como está o ambiente da sala de aula para a criação de uma atividade colaborativa. Os estudantes se sentem pertencentes à sala de aula? Há respeito para trocas de ideias?”



Mobilização de ferramentas digitais colaborativas

Karina Tomelin enfatiza que “novas competências docentes, principalmente relacionadas à fluência digital, têm sido requeridas para o professor da atualidade”. Mas como essa necessidade tem se revelado no processo de formação do docente? “Quando pensamos no conceito de *ferramenta*, o que vem à mente é um conjunto de recursos ou objetos, cujo foco é facilitar a execução de alguma tarefa. No contexto pedagógico, as ferramentas têm o objetivo de facilitar a aprendizagem. A questão é como selecionar as melhores. Ou, todas as ferramentas são adequadas às necessidades e a todos os objetivos surgidos no contexto do processo de ensino e aprendizagem? Ao refletir sobre a infinidade desses recursos disponíveis para melhorar a aprendizagem dos estudantes, por onde, então, devemos começar?”

Quando o assunto é ferramenta, Karina Tomelion destaca três aspectos fundamentais que precisam ser levados em conta: **1- Identidade metodológica:** auxilia na clareza dos recursos a serem utilizados, na coerência, no padrão dos processos educativos e dos resultados do processo avaliativo. **2- Intencionalidade pedagógica:** precisa determinar os objetivos do processo de ensino e aprendizagem e o que se espera dos seus alunos ao longo do processo, quais competências serão desenvolvidas. **3- Formação de professores:** é preciso ter clareza das funcionalidades, da relação com a identidade metodológica, dos objetivos pedagógicos e dos benefícios dos recursos.



**Quem é a entrevistada
Karina Tomelin?**

Possui Mestrado em Educação pela Fundação Universidade Regional de Blumenau. Graduação em Psicologia pela Fundação Universidade Regional de Blumenau. Graduação em Pedagogia pela Universidade Anhembi Morumbi. É Diretora de Qualidade e Inovação na B42, Professora no Instituto Singularidades, palestrante e especialista em formação docente e projetos de apoio ao discente. Tem experiência na área de Gestão do Ensino Superior, com ênfase em processos pedagógicos. É autora do livro: 100 ideias inspiradoras para suas aulas.

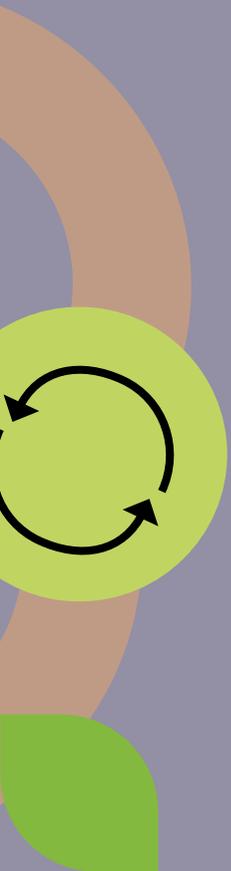




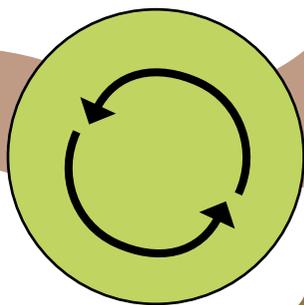
A tecnologia alinhada às práticas ESG: desdobramentos possíveis no ambiente escolar

Por **Rebeca Vasconcelos**

Você já ouviu falar em ESG? Se você trabalha no meio corporativo, está envolvido(a) em questões relacionadas à sustentabilidade, ou acompanha publicações de grandes empresas em redes sociais, é provável que sim. Mas este termo não é um conhecido do universo escolar. O modelo ESG é uma iniciativa que surgiu no campo da economia como parte da solução para que as empresas assumam sua responsabilidade na construção de uma sociedade sustentável. Segundo o relatório *Our Common Future* (Nosso Futuro Comum), apresentado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, em 1987:



“O desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que encontra as necessidades atuais sem comprometer a habilidade das futuras gerações de atender suas próprias necessidades.”



Ao investigar a origem do debate sobre desenvolvimento sustentável na economia, nos deparamos com o termo *Triple Bottom Line*, cunhado pelo sociólogo britânico John Elkington em 1997, em seu famoso livro

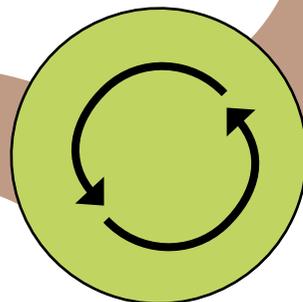
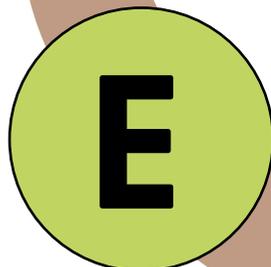
“*Canibais com Garfo e Faca*”. Elkington apresentou a teoria de que um negócio ou organização só é sustentável quando é: financeiramente viável, socialmente justo e ambientalmente responsável. Esta teoria, que ficou conhecida no português como “Tripé da Sustentabilidade”, implica que as organizações, além de pensar no lucro, devem agir de forma consciente e responsável ao avaliar igualmente os impactos das suas ações sobre as pessoas e o meio ambiente. O tripé só se sustenta se os 3 fatores estiverem em perfeito equilíbrio.

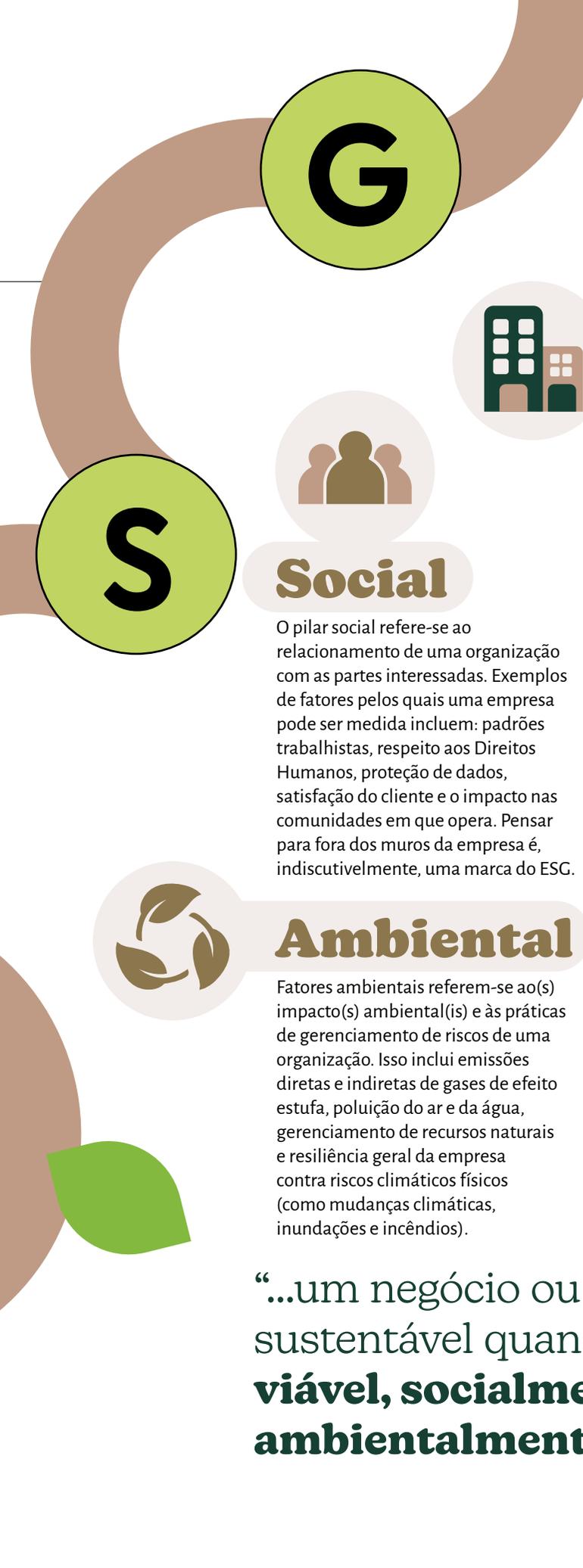
Na linha do pensamento de Elkington, vimos nascer em 2004 o termo ESG – acrônimo de *Environmental, Social and Governance* (Ambiental, Social e Governança), através da publicação *Who Cares Win* (Quem se importa vence), escrita por ocasião do Pacto Global. O modelo ESG prescreve um equilíbrio entre os fatores ambientais, sociais e de governança. Uma novidade é troca do fator ‘economicamente viável’ pela ‘governança’, mas o que de fato distingue o ESG de outros movimentos predecessores que pensam o desenvolvimento sustentável é a criação de um sistema de métricas que avaliam os principais aspectos de cada termo, com o objetivo de sintetizá-los em um relatório público (*ESG Reports*) para qualquer parte envolvida no negócio, a saber: investidores, fornecedores, funcionários e clientes.

“Na prática, para que uma empresa

seja ESG, ela deve ser sustentável em relação aos recursos do meio ambiente, precisa ter ações que promovam o bem-estar social de seus colaboradores e da comunidade em seu entorno, além de ter uma governança ética em seus processos”, tudo isto alinhado ao seu desempenho financeiro. Entretanto, para conquistar este selo ESG, é preciso trilhar um longo processo.

A elaboração dos relatórios ESG se baseia, principalmente, nos critérios desenvolvidos pela GRI (*Global Reporting Initiative*), uma organização internacional independente que ajuda as empresas e outras instituições a assumirem a responsabilidade por seus impactos, fornecendo-lhes a linguagem global para comunicá-los. Muitas empresas contratam consultores especializados para auxiliarem em seus relatórios, ou possuem um núcleo ESG em sua organização para desenvolver esta tarefa. Concretamente, o que podemos considerar critérios ESG em cada um dos termos?



A large, stylized graphic on the left side of the page consists of a thick, curved brown line that forms a partial circle. Three green circles are placed along this curve, each containing a white letter: 'G' at the top, 'S' on the left, and 'A' at the bottom. The letters are bold and sans-serif. The background is white with some faint green and brown accents.

G



Governança

Governança corporativa refere-se a como uma organização é liderada e gerenciada. Os investidores com perfil ESG procurarão entender como a visão da liderança está conectada às expectativas das partes interessadas, como os direitos dos acionistas são vistos e honrados, e que tipos de controles internos existem para promover a transparência e a responsabilidade por parte da alta gestão. Políticas contra corrupção e suborno, compromissos fiscais, remuneração dos executivos e diversidade no quadro de liderança são pontos a serem analisados.

Para que todos esses critérios ultrapassem os planejamentos e se tornem ações concretas, é preciso de um esforço coordenado de todos os níveis da organização. Contudo, sem uma postura ativa dos tomadores de decisão, não há como implementar o modelo ESG. Cabe à liderança assumir este compromisso e traduzir para todos os envolvidos em sua cadeia de valor como esses critérios devem ser articulados.



Social

O pilar social refere-se ao relacionamento de uma organização com as partes interessadas. Exemplos de fatores pelos quais uma empresa pode ser medida incluem: padrões trabalhistas, respeito aos Direitos Humanos, proteção de dados, satisfação do cliente e o impacto nas comunidades em que opera. Pensar para fora dos muros da empresa é, indiscutivelmente, uma marca do ESG.



Ambiental

Fatores ambientais referem-se ao(s) impacto(s) ambiental(is) e às práticas de gerenciamento de riscos de uma organização. Isso inclui emissões diretas e indiretas de gases de efeito estufa, poluição do ar e da água, gerenciamento de recursos naturais e resiliência geral da empresa contra riscos climáticos físicos (como mudanças climáticas, inundações e incêndios).

“...um negócio ou organização só é sustentável quando é **financeiramente viável, socialmente justo e ambientalmente responsável.**”

ESG e governança escolar

O movimento ESG tem se expandido lentamente no meio educacional, ganhando espaço de início em instituições de Ensino Superior. Algumas delas, como a *Galileo Global Education*, já publicam relatórios ESG anuais, e, até, incluíram tópicos do tema em seus currículos acadêmicos, sobretudo as faculdades de economia. As instituições de Educação Básica já observam a inclusão da Educação Ambiental, dos Direitos Humanos e da Sustentabilidade (especialmente dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, também conhecidos como Agenda 2030) em seus currículos e no ambiente escolar há algum tempo – o que se intensificou ainda mais com as consequências provocadas pela pandemia –, mas ainda não se debruçaram sobre o modelo ESG.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) indica em sua introdução que as Dez Competências Gerais estão alinhadas à Agenda 2030, ainda assim, nem todos os tópicos ganham o mesmo destaque no documento. A BNCC representa um avanço em várias frentes, mas necessitamos ir além no que tange ao desenvolvimento sustentável. O conceito ainda está demasiadamente atrelado ao conteúdo de Ciências da Natureza, e aparece apenas de forma sutil em habilidades de





“Ao incorporar princípios do ESG hoje, a escola também prepara os estudantes para um futuro onde estarão conscientes para atuarem em posições decisivas.”

Matemática e Ciências Humanas. As principais ocorrências sobre o tema acontecem no Ensino Médio, e depois, em menor grau, no Fundamental. Na Educação Infantil não há objetivos de aprendizagem específicos sobre o assunto. Por isso, escolas preocupadas com a sustentabilidade devem ir além do que é formalmente exigido e pensar em como incluir e articular conteúdos, habilidades e valores sustentáveis no currículo e na prática - não apenas dentro de componentes curriculares e segmentos específicos. E, por fim, um documento normativo dificilmente será atualizado no *timing* das demandas educacionais, sociais, ambientais, entre outras, que chegam a todo instante – como a pandemia e os lamentáveis ataques às escolas brasileiras. Por isso, a BNCC é um ponto de partida, não de chegada.

Ainda que pareça distante a ideia de que escolas de Educação Básica devam produzir relatórios ESG usando as mesmas métricas que grandes empresas, devemos considerar que o debate sobre a responsabilidade privada e pública para o atingimento da sustentabilidade é um caminho sem volta. Por isso é preciso avaliar: quais as vantagens em se adotar uma cultura ESG na escola? A seguir, proponho algumas alternativas:

Ambiental

- Desenvolver ações de conscientização dos alunos, professores, funcionários, famílias e da comunidade para a preservação do meio ambiente;
- Viabilizar de projetos com impacto positivo para comunidades no entorno da escola;
- Promover mudanças de hábitos, processos e estrutura física visando à preservação de recursos e à redução da produção de resíduos.

Social

- Realizar parcerias com comunidades locais e programas para inclusão social de grupos que não possuem acesso à educação;
- Realizar parcerias com empresas locais para oferecer oportunidades de voluntariado e outras atividades que beneficiem as comunidades;
- Incluir em seus currículos a importância da participação cidadã e do dever das pessoas na construção de uma sociedade justa e igualitária;
- Fomentar a inclusão, a tolerância e a diversidade, bem como a defesa dos direitos humanos e da igualdade de gênero.

Governança

- Ampliar a abertura à participação da comunidade em suas decisões, incluindo a criação de comitês consultivos ou outros mecanismos para ouvir as opiniões e sugestões de pais, alunos e outros membros da comunidade;
- Prezar por uma liderança ética, incluindo a integridade de seus administradores e líderes, bem como a adoção de políticas claras de conduta ética;
- Colocar em prática a responsabilidade social corporativa, incluindo o compromisso com a equidade e a justiça social, bem como sua contribuição para a melhoria da qualidade de vida da comunidade;
- Implementar estratégias de gestão de crise.

O modelo ESG também pode agregar às escolas clareza sobre o processo de governança. Governança é sobre conhecer as políticas e diretrizes estabelecidas para operar dentro da lei e garantir a satisfação de todas as partes interessadas, enquanto gestão refere-se a técnicas utilizadas para fazer a organização prosperar, seja em crescimento de clientes, aumento da rentabilidade ou busca da excelência em sua área de atuação.

Ao incorporar princípios do ESG hoje, a escola também prepara os estudantes para um futuro onde estarão conscientes para atuarem em posições decisivas: cidadãos que exigem dos governos, empresas e outras organizações atitudes diante das questões sociais e ambientais; líderes de instituições que devem desempenhar esta postura consciente em seus cargos; e consumidores que farão escolhas com base nas informações sobre as práticas ESG dos fornecedores de produtos e serviços. ➤

A tecnologia como facilitadora das práticas ESG

O trajeto que fizemos até aqui teve o propósito de montar o cenário no qual se desenvolveu o modelo ESG e estabelecer uma relação potencial com o universo escolar. Agora, proponho um diálogo sobre como a tecnologia digital pode contribuir com a aplicação dos pilares ESG.

Um dos principais diferenciais do modelo ESG é criar e gerenciar processos para obtenção de informações com a finalidade de entender o real impacto que as organizações produzem na sociedade, sem desconsiderar os seus objetivos de negócio, pode ser um grande desafio. Por conta disto, surgiram algumas soluções tecnológicas visando à coleta e gestão de dados, para que nenhum aspecto relevante escape à visão dos líderes das instituições empenhadas com os pilares ESG.

A ferramenta mais conhecida e utilizada é a matriz de materialidade, que identifica e prioriza visualmente as questões ESG com base em sua relevância para a organização (veja a imagem). As questões que se posicionam no quadrante superior direito da matriz, denotando alto impacto e alta importância, são consideradas mais materiais e requerem atenção e ação imediata. Questões nos outros quadrantes podem ser de menor importância, todavia ainda merecem consideração e gerenciamento.

A **matriz de materialidade** serve como uma ferramenta útil para as organizações entenderem o seu cenário ESG, alinharem suas metas de sustentabilidade com seus objetivos de negócios, se envolverem com as partes interessadas e divulgarem seu desempenho através de relatórios, mas pode e deve ser utilizada para fortalecer o planejamento estratégico da organização, podendo auxiliar na tomada de decisões mais assertivas.

Para muitas áreas da sociedade, inclusive a educação, pensar a sua existência sem o suporte da tecnologia é praticamente inconcebível. Se a última década já era marcada pela transformação digital, a pandemia se encarregou da sua consolidação. Segundo uma pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros (**TIC Domicílios**), organizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), a pandemia intensificou o uso de tecnologias digitais no Brasil, passando de 71% dos domicílios com acesso à internet em 2019 para 83% em 2020, o que corresponde a 61,8 milhões de domicílios com algum tipo de conexão à rede.

Nesse mesmo período, o uso de plataformas para atividades de ensino e aprendizagem nas escolas urbanas subiu de 22% em 2016 para 66% em

2020, e 82% das escolas brasileiras possuem acesso à internet (sendo de 98% nas áreas urbanas e de 52% nas rurais). Outro estudo apontou o aumento dos dispositivos digitais no país: computadores, notebooks, tablets e smartphones somam 447 milhões de unidades, o que representa mais de 2 por habitante (Fonte: 33ª edição da Pesquisa Anual sobre o Mercado Brasileiro de TI e Uso nas Empresas, realizada pelo Centro de Tecnologia da Informação Aplicada (FGVCia) da Escola de Administração de Empresas de São Paulo (FGV EAESP)).

Seja pela ampliação do uso da internet ou pela inserção de novas ferramentas digitais para processos de aprendizagem e gestão, instituições de Educação Básica do Brasil – e do mundo – foram impulsionadas a aderir à transformação digital. Contudo, a escola contemporânea é uma instituição social que, por princípio, não apenas segue o progresso, mas reflete sobre ele. Por mais que haja um consenso mundial sobre como as tecnologias digitais tornaram nossas vidas mais práticas e confortáveis, não podemos deixar de exercer o pensamento crítico sobre suas consequências. Vale aqui lembrar da competência 5 da BNCC:

“Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva”. >>



ECONÔMICO

- Desempenho Econômico

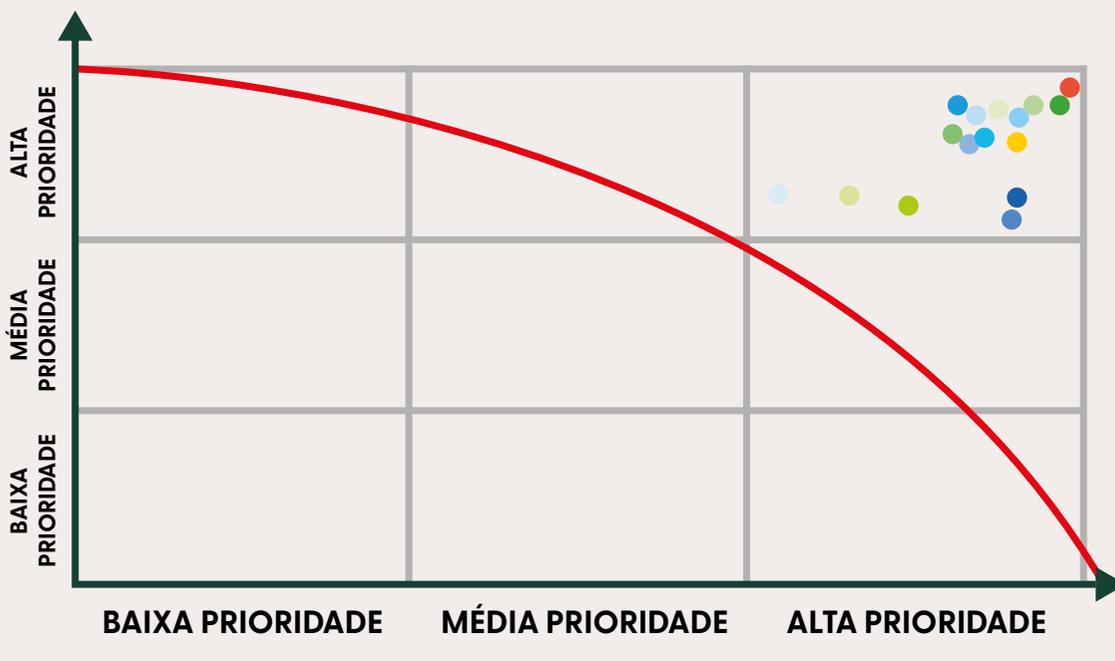
AMBIENTAL

- Consumo Sustentável da Água
- Universalização do Abastecimento da Água e do Tratamento de Esgoto
- Qualidade e Tratamento da Água
- Efluentes e Resíduos
- Fornecimento dos serviços de Água e Esgoto
- Conformidade com Leis e Regulamentos Ambientais
- Reclamações de Impactos Ambientais

SOCIAL

- Emprego
- Planejamento e Conformidade
- Reclamações Relacionadas a Práticas Trabalhistas
- Relacionamento com a Comunidade
- Transparência e Responsabilidade
- Reclamações de Impactos na Sociedade
- Saúde e Segurança ao Cliente
- Relações de Trabalho

PERSPECTIVA DOS STAKEHOLDERS



PERSPECTIVA DA EMPRESA



O próprio texto deixa claro que a tecnologia deve ser incluída dentro do ambiente escolar sob condições específicas. Os verbos “compreender”, “utilizar” e “criar”, e os adjetivos “crítica”, “significativa”, “reflexiva” e “ética” pressupõem uma abordagem educativa sistemática e integrada, pois essas habilidades e atitudes tão necessárias não se desenvolvem em contextos superficiais e a curto prazo. O grande problema é que a velocidade das inovações digitais concorre com o tempo que é necessário para a formação de um cidadão que consiga lidar com a tecnologia com todos esses verbos e adjetivos em sua bagagem.

Também precisamos ser honestos em admitir que, ao mesmo tempo que estamos pensando em como estruturar a educação dos nossos estudantes, estamos nós mesmos nos familiarizando com o tema e incluindo essas práticas em nosso repertório pessoal e profissional.

Então lança a seguinte pergunta: como utilizar as tecnologias digitais para promover a sustentabilidade, se ainda estamos aprendendo a compreendê-las e utilizá-las? É uma resposta de um milhão de reais (de dólares e euros também!), a qual não podemos escapar. A verdade é que não existe uma resposta pronta, nem única, para ela. É preciso avaliar muitos pontos e traçar algumas perspectivas possíveis.

Podemos pensar numa relação de contribuição mútua entre tecnologias digitais e ESG. Ao mesmo tempo que estas tecnologias otimizaram diversos processos de análise de resultados e elaboração de relatórios para que

“Como utilizar as tecnologias digitais para promover a sustentabilidade, se ainda estamos aprendendo a compreendê-las e utilizá-las?”

as organizações possam avaliar e divulgar seus impactos nas questões ambientais, sociais e de governança, esses mesmos princípios ESG podem nortear o desenvolvimento, uso e regulação de dispositivos, softwares, aplicativos, inteligência artificial, computação em nuvem, internet das coisas e outras tecnologias.

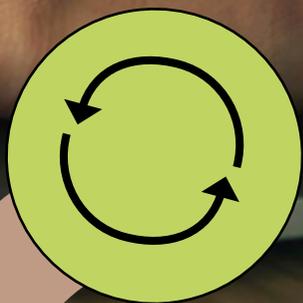
Mesmo que necessitemos hoje ou num futuro próximo destas tecnologias, a sua utilidade não pode se sobrepor aos efeitos negativos que podem suscitar. É por isso que devem existir estudos de impacto ambiental e social, bem como regulamentações e leis para que as empresas que desenvolvem tecnologia possam tomar decisões de forma ética, responsável e sustentável. O modelo ESG oferece um escopo claro e preciso sobre o porquê e o como estas corporações devem contribuir para a sustentabilidade global.

O tema central desta edição da Educatrix debate a gestão de crise diante da violência nas redes sociais. É comum que as pessoas pensem sobre o que ocorre dentro das redes como sendo apenas responsabilidade de seus usuários. Há alguns anos se sabe que não é bem assim. Frances Haugen,

engenheira, cientista de dados e ex-funcionária do *Facebook*, relatou em seu depoimento ao Congresso dos Estados Unidos em 2021 que o *Facebook* desenvolvia deliberadamente algoritmos que geravam discórdia, que suas ferramentas são criadas para gerar dependência e aumentar o engajamento dos usuários, que a empresa não faz esforço para controlar o crime organizado na rede e que os gestores da empresa sabiam que 13% dos usuários adolescentes desenvolvem pensamentos suicidas e comportamentos anoréxicos devido ao seu conteúdo. Tais documentos ficaram conhecidos como *Facebook Papers*, e é apenas uma das muitas provas de que várias organizações, visando apenas aumentar o lucro e alavancar o status socioeconômico, fecham os olhos para as consequências de seu negócio.

No enfrentamento do problema, várias organizações, representantes governamentais e da sociedade civil estão criando mecanismos para exigir ações de combate a conteúdos violentos e impróprios nas redes sociais e outras ferramentas digitais. A *World Benchmarking Alliance*, uma organização global sem fins lucrativos que avalia e identifica o desempenho de sustentabilidade de empresas e indústrias em vários setores, criou um *ranking* específico para classificar as empresas de tecnologia pela forma como lidam com as questões ambientais e sociais.

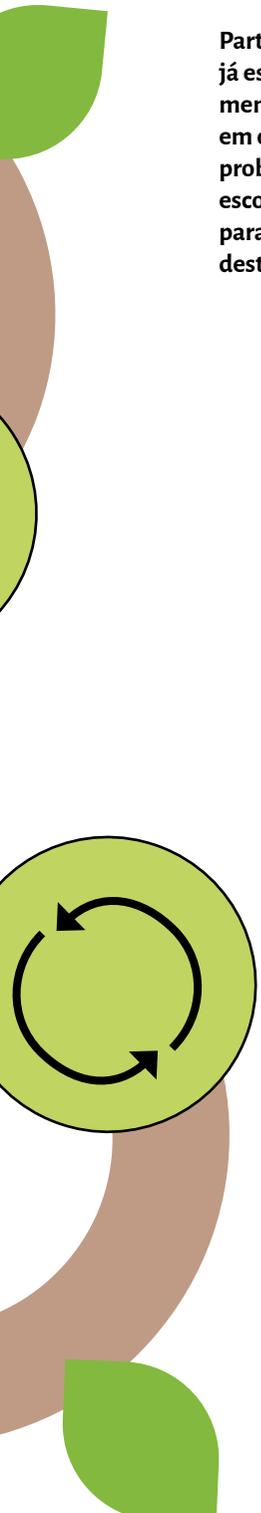
No Brasil, diante do volume de *fake news* e vários tipos de violências que presenciamos nas redes durante a última eleição presidencial, mais de cem ONGs e entidades ligadas a causas ambientais, de direitos humanos e ativismo indígena elaboraram um **documento** com uma série de demandas para as principais plataformas de redes sociais. O texto se debruça sobre os pontos críticos das políticas administrativas >>



do Facebook/Instagram (Meta), Twitter, YouTube, TikTok, Kwai, WhatsApp (Meta), e cria uma lista de demandas para que as mesmas possam operar de forma a conter e mitigar violências e discursos infundados (como o negacionismo sobre questões climáticas). Além disso, existem iniciativas no governo vigente que propõe caminhos e maior celeridade para a regulação das redes sociais, de ferramentas de busca e serviços de mensageria instantânea. Uma delas é a minuta que trata do Substitutivo ao **Projeto de Lei nº 2.630/2020** (a popular PL das *Fake News*). O documento é fruto do diálogo e intervenção do Ministério da Justiça, do Ministério das Comunicações e, em especial, da Secretaria de Políticas Digitais da SECOM, além de representantes do Planalto.

Ao implementar a tecnologia no ambiente escolar, precisamos, portanto, estar cientes não apenas das vantagens da sua utilização, mas de sua função social e de como aqueles que estão por trás destas ferramentas contribuem – ou não – para que a sustentabilidade seja alcançada. Levando isto em consideração ao definir suas ações, a escola também dá um passo a mais na maturação do pilar da governança.





Partindo da premissa de que a tecnologia já está no ambiente escolar, em maior ou menor grau, o que precisamos é pensar em como utilizá-la para minimizar problemas dentro e no entorno da escola, e gerar ações que contribuam para a sustentabilidade. A seguir, destacarei algumas ideias:

1. Uso de ferramentas digitais pela gestão: utilizar ferramentas digitais que auxiliem os gestores na coleta e organização de informações sobre seu impacto em questões socioambientais e de governança. A liderança pode se inspirar na matriz de materialidade para criar planilhas, gráficos, questionários e avaliações institucionais que permitam o diagnóstico da sua atuação e ajudem na tomada de decisões futuras.

2. Divulgação das ações do quadro de governança (Governing Board): um conselho administrativo, ou quadro de governança, é composto pelas pessoas legalmente responsáveis por supervisionar e administrar uma instituição. O conselho estabelece qual a missão e os valores da instituição, assegura que ela tenha os recursos adequados para funcionar, cria planos estratégicos e trabalha para a adesão de todos os envolvidos, e averigua se toda a organização está em conformidade legal e fundada na integridade ética. A escola pode usar suas redes sociais ou plataformas internas para divulgar seu quadro de governança (pessoas que compõem o quadro de liderança e seus respectivos papéis), suas diretrizes (princípios de governança com os quais a escola está comprometida) e suas ações (agendas de reunião, pautas de conselhos etc.).

3. Gerenciamento ético de dados: estabelecer políticas e procedimentos claros em relação à coleta, uso e armazenamento de dados nos sistemas de tecnologia (como plataformas de gerenciamento de aprendizagem, sistemas de informações dos estudantes e publicações em redes sociais), seguindo os princípios da LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais).

4. Infraestrutura de TI verde: adotar práticas de infraestrutura de TI (Tecnologia da Informação) verde para reduzir sua pegada ambiental. Isso pode incluir a otimização das operações do *data center*, a implementação de servidores e equipamentos de rede com eficiência energética e o uso de soluções baseadas em nuvem para reduzir a necessidade de infraestrutura física. Por exemplo, as escolas podem utilizar aplicativos e *softwares* de armazenamento em nuvem (*Google Drive*, *OneDrive*, *Dropbox* e outros) para reunir informações que normalmente ficam disponíveis fisicamente na secretaria e incentivar que coordenadores e professores compartilhem seus planejamentos de forma digital.

5. Parcerias socialmente responsáveis: priorizar fornecedores de tecnologia e de serviços diversos que se alinhem com seus valores e preceitos de responsabilidade social e ambiental – isto inclui fornecedores de serviços educacionais que ofertam plataformas, aplicativos e avaliações digitais. É importante buscar parcerias com empresas e representantes que priorizem a sustentabilidade, a diversidade, a inclusão e o envolvimento com a comunidade. >>

“Dialogar sobre outras formas de usar a tecnologia para contribuir com o desenvolvimento sustentável fará com que mais pessoas se tornem conscientes e proativas de seu dever como cidadão.”



6. Uso sustentável da tecnologia:

ter um planejamento estratégico a longo prazo para sua aquisição e manutenção de tecnologias, pois esse tipo de investimento não é uma despesa única. Quando os dispositivos chegarem ao fim de sua vida útil e os equipamentos de infraestrutura se tornarem obsoletos, a instituição deve ter meios confiáveis para substituí-los ou atualizá-los. Os equipamentos eletrônicos obsoletos podem ser reciclados adequadamente ou reutilizados para atividades de cultura *maker* ou robótica. Outro aspecto fundamental é que as escolas precisam incentivar o uso responsável e sustentável das tecnologias por estudantes e colaboradores. Isso pode incluir a definição de critérios para o uso de dispositivos, a promoção de práticas de desintoxicação digital e a

educação de toda a comunidade sobre o impacto ambiental da tecnologia, como gerenciamento de lixo eletrônico e consumo de energia.

7. Educação para a cidadania digital:

os princípios ESG promovem a responsabilidade social, e as escolas podem usar a tecnologia para ensinar os estudantes sobre cidadania digital, comportamento *online* responsável e o impacto da tecnologia na sociedade. Isso pode prever a inclusão de projetos de alfabetização digital e letramento midiático no currículo para que os alunos aprendam sobre segurança *online*, *cyberbullying* e uso responsável das mídias sociais.

8. Uso ético da Inteligência Artificial (IA): adotar práticas éticas para uso da IA na instituição. Mesmo que estas ferramentas só tenham sido abertas recentemente ao público em geral, as escolas devem criar diretrizes para a utilização da IA por estudantes, professores e funcionários, incluindo protocolos de transparência, justiça e responsabilidade, comprometendo-se com os direitos humanos e promovendo a inclusão e diversidade.

9. Formação docente: investir na formação continuada dos professores para o uso de tecnologia educacional e de metodologias de ensino-aprendizagem contemporâneas. É de suma importância para a promoção da equidade educacional que os docentes estejam preparados para lidar com a tecnologia de forma eficaz e consciente, pois seu repertório e suas habilidades afetarão diretamente a formação dos estudantes. O plano de formação docente também pode incluir o estudo de tecnologias digitais que auxiliem os estudantes na superação das lacunas de aprendizagem, que foram diagnosticadas e debatidas previamente pelos professores.

10. Diálogo com a comunidade escolar: criar espaços de troca – presenciais e virtuais – com toda a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, famílias) com o objetivo de informar sobre como a escola lida com a tecnologia para promover a sustentabilidade social, ambiental e práticas de governança. Dialogar sobre outras formas de usar a tecnologia para contribuir com o desenvolvimento sustentável fará com que mais pessoas se tornem conscientes e proativas de seu dever como cidadão.

Em vários lugares do mundo já existem escolas que usam a tecnologia alinhada à justiça social, proteção ambiental e boas práticas de governança, ainda que não indiquem o modelo ESG como norteador de suas ações. A *Green School*, localizada em Bali (Indonésia), é uma escola com 100% de energia renovável e que utiliza construção sustentável em seu campus, além de desenvolver diversos projetos sociais na comunidade.

Em alguns anos ou décadas, é provável que as escolas exibam uma maior integração dos princípios ESG em todos os aspectos da sua atuação, como currículo, governança, uso de tecnologia, aprendizagem social e emocional, engajamento da comunidade escolar, diversidade e inclusão, sustentabilidade ambiental e colaboração para o impacto positivo dentro e fora dos seus muros. À medida que as escolas passarem a reconhecer o diferencial da integração dos pilares ESG na construção de um futuro sustentável e responsável, podemos esperar que a cultura ESG evolua nas instituições de Educação Básica e se torne uma parte fundamental da educação global, preparando os alunos para serem líderes e agentes social e ambientalmente responsáveis em suas comunidades. ■



Rebeca Vasconcelos é professora de filosofia e consultora educacional. Trabalha com escolas de Educação Básica desde 2010. Possui certificações em Professional Coach, Design Thinking, STEM e Metodologias Ativas. Em 2016, iniciou seu trajeto como consultora pedagógica no Grupo Santillana Educação, tendo colaborado com mais de 80 escolas ao longo destes anos. Atualmente compõe o núcleo de especialistas pedagógicos da Santillana.

PRÊMIO ESCOLAS SUSTENTÁVEIS 2023

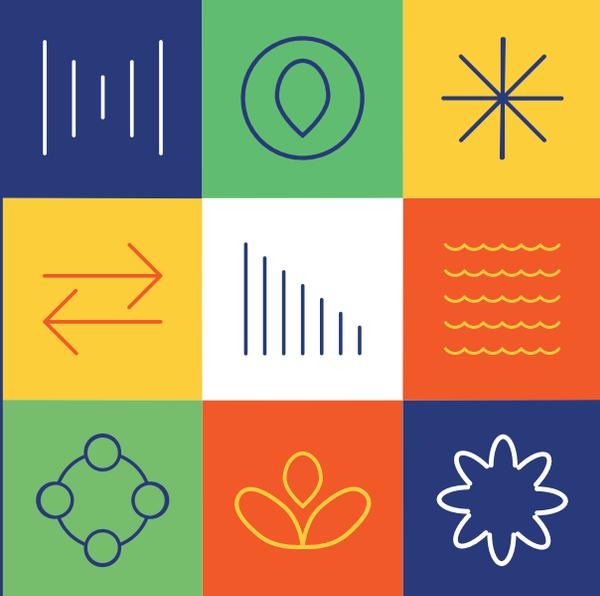
escolas
sustentáveis



O **Prêmio Escolas Sustentáveis** é uma iniciativa da Santillana, da Fundação Santillana e da Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI) que tem como objetivo reconhecer e valorizar as escolas comprometidas com a sustentabilidade em sua gestão ambiental, social e de

governança, além de mobilizar e conscientizar a população e as novas gerações sobre a necessidade de preservação e recuperação socioambiental do planeta.

Estão convidadas a participar todas as escolas da educação básica, públicas ou privadas, no Brasil, México e Colômbia.



O prêmio terá **duas etapas** de premiação: uma etapa nacional, por país, e uma internacional, envolvendo os três países participantes.



CATEGORIAS:

• Ensino Fundamental:

Fundamental (Brasil)

Educação básica - primária e secundária (Colômbia)

Educação primária (México)

• Ensino Médio:

Ensino Médio (Brasil e Colômbia)

Secundária (México)

Serão aceitos projetos desenvolvidos até a data de inscrição, que será comunicada em breve.

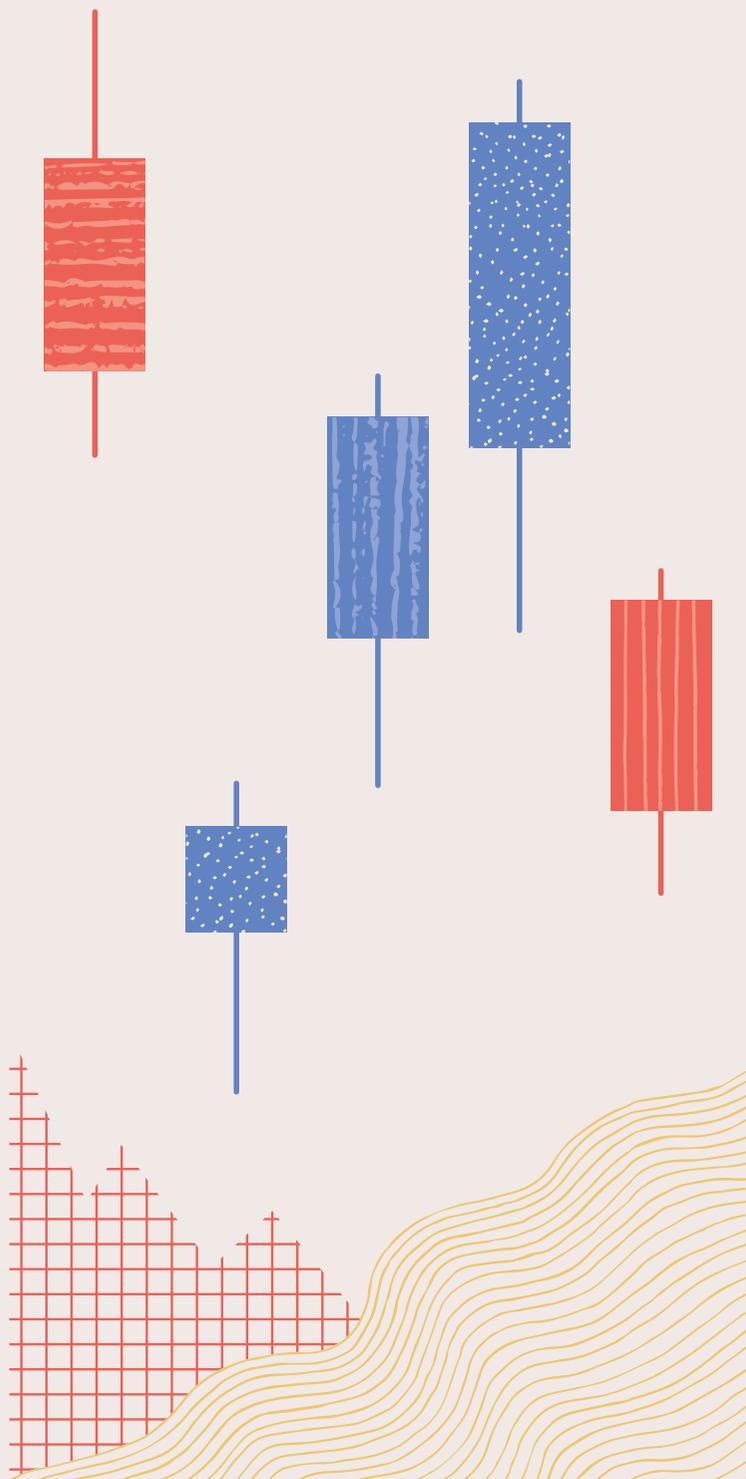


Escaneie o QR Code para acessar o site e saiba mais!

O desafio financeiro da tecnologia na educação básica

Investimentos em recursos digitais, aumento de despesas operacionais e gestão técnica impactam orçamentos, com contrapartidas limitadas em redução de custo ou geração de receita

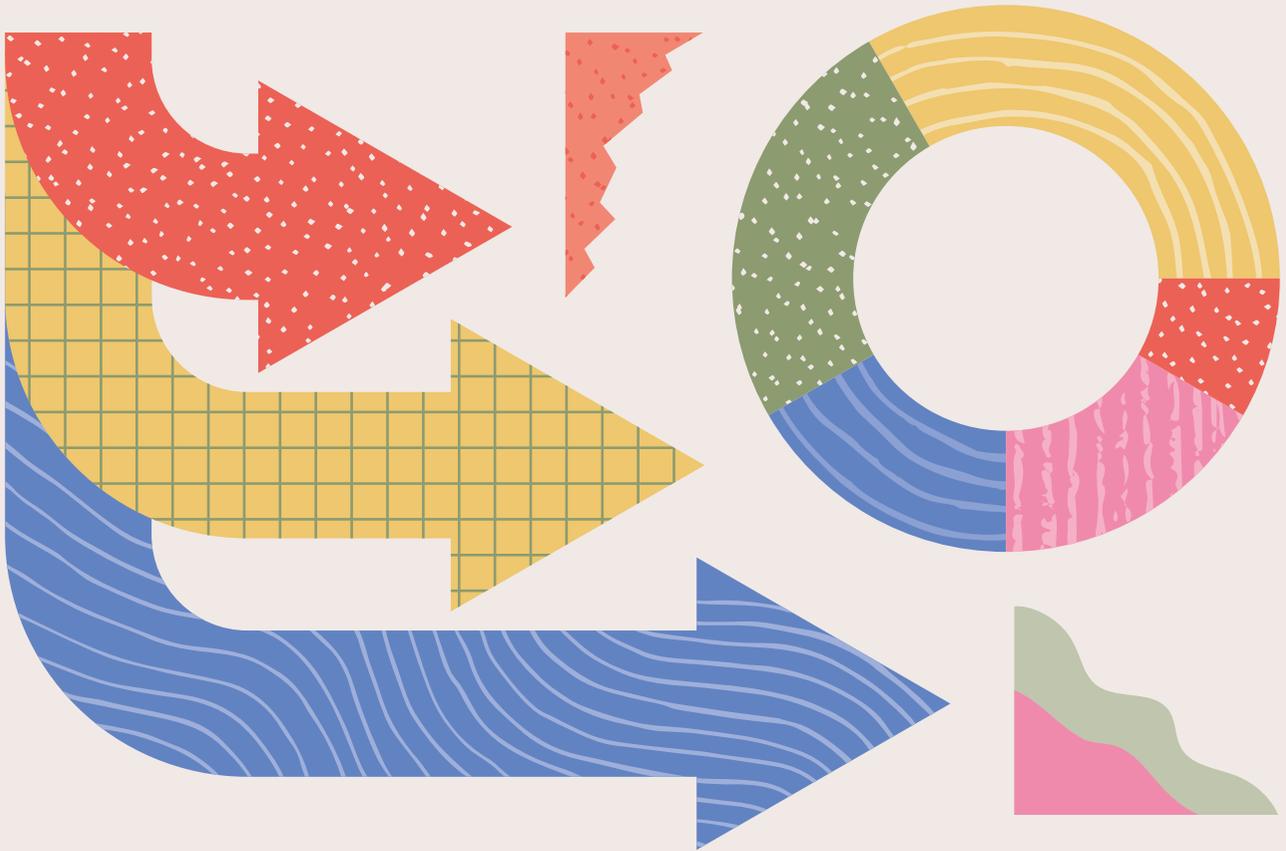




Em vários setores que digitalizam suas atividades, como manufatura e comércio, ou em negócios que se tornaram genuinamente digitais, como editoras e bancos, a tecnologia tem implicações óbvias em redução de custo. Com serviços relacionados a direitos essenciais, ocorre o contrário. Quando um hospital recebe um investimento em um equipamento diagnóstico, o ganho de “produtividade” significa aumento do custeio. O paradoxo se aplica também à educação básica, o que agrava os desafios da gestão financeira das escolas.

“Nas instituições de ensino superior, há oportunidades de geração de receita com disciplinas eletivas e aulas *online*. Na educação básica, o ganho de escala é muito limitado”, pondera Gonzalo Lopez, executivo de relações institucionais da Eleva Educação.

A Corus Consultores informa que a média de investimentos totais das escolas privadas (incluindo tecnologia, expansões prediais e outras iniciativas) fica entre 4% e 6% da receita nas últimas décadas. Em 2021 chegou a 9% e a estimativa é que fique em 6% em 2022. “Em 2021, praticamente todo o lucro foi reinvestido. O volume total de investimentos vai aumentar, por competitividade. Isso vale para todos os segmentos (de escolas de elite às de classe média baixa)”, avalia o diretor Fernando Barão. Lembra que, em 18 dos últimos 20 anos as mensalidades subiram acima da inflação, enquanto a lucratividade se manteve em torno de 9% da receita. “Nesse período, a margem não teve incremento, porque os custos operacionais têm aumentado em proporção igual ou maior”, esclarece.



A transformação digital como eixo nas IESs



Elizabeth Guedes, presidente da ANUP (Associação Nacional das Universidades Privadas), estima que os orçamentos de TI (tecnologia da informação) cheguem a até 15% da receita em instituições de ensino superior.

“Atividades que antes eram feitas em laboratório passaram para a tela do computador e hoje exigem complexos sistemas de dados”, menciona. “Os empreendedores com recursos investem não apenas em estrutura, mas também em plataformas de distribuição e criação de conteúdo digital”, acrescenta. “Na educação básica, 60% das escolas estão no Simples”, lembra.

A professora observa que a digitalização muda modelos financeiros consolidados. “Uma biblioteca tem o custo de compra dos livros. Nos repositórios digitais, pode

haver licença por usuário e tarifa por acesso”, exemplifica.

“No ensino superior, há alternativas, como aumentar a densidade das turmas. No ensino básico, uma das métricas, em qualquer segmento social, é o número de alunos por classe. A atenção pessoal ao aluno é inegociável”, compara Fernando. “Estudos revelam os gaps de aprendizagem durante a pandemia. Vimos como é ruim ter crianças fora da escola. Essa experiência fortaleceu a importância da sala de aula”, acrescenta Gonzalo. >>

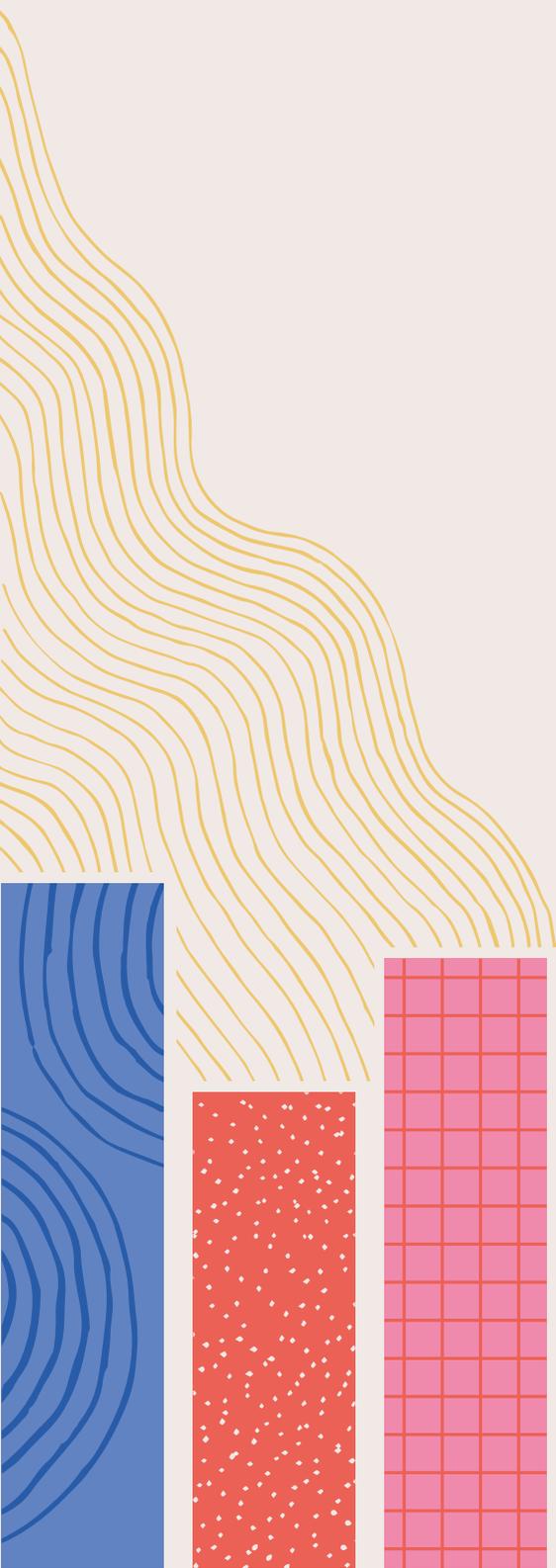
Infraestrutura no início da jornada de investimentos

Entre as escolas incluídas na pesquisa TIC Educação 2021, que também abrange dados do início do ano passado, 91% contam com *desktop*, 79% com e 21% com *tablets*. No uso pedagógico, 54%, 35%, e 15%, respectivamente, disponibilizam os dispositivos para os alunos.

“Quando a escola tem acesso a recursos, digitaliza primeiro a administração”, constata Daniela Costa, coordenadora da pesquisa. Segundo o mesmo estudo, nas escolas particulares, 74% apontam como dificuldade a insuficiência de dispositivos e 79% reclamam da falta de cobertura ou de baixa velocidade na conexão.

Victor Vichy, gerente-executivo de TI do Grupo Salta Educação, adverte que mesmo o passo inicial, de conectar a escola, exige uma abordagem adequada. “A rede tem que ter desempenho, redundância e segurança. É preciso uma boa negociação de contratos (com as operadoras) e tem que se prever os custos de distribuição, além da proteção





à rede e aos dispositivos”, enumera. Gonzalo lembra que, no caso de crianças e adolescentes, as regras de LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados) são mais severas: “Lidamos com informações pessoais supersensíveis.”

Embora reconheça a diferença entre os cenários no ensino superior e básico, Marcelo Freitas, diretor de tecnologia da *Foreducation*, vê oportunidades de ganho de eficiência nas escolas. “O uso de EAD e a facilidade de atenção personalizada têm muito impacto nos resultados e no desempenho dos alunos. Com o amadurecimento da automação e da análise de dados, os gestores também poderão obter mais benefícios”, argumenta.

Ainda que as atuais iniciativas e investimentos foquem nas tecnologias de base, os especialistas em transformação digital identificam uma visão mais estratégica do setor. “Os objetivos vão mudando. No início, era familiarizar com a tecnologia. Com a *Internet*, houve um aprofundamento. Se me perguntasse há cinco meses, diria que a prioridade era criar habilidades. Mas com IA, temos que focar no letramento em dados”, nota Daniela. Mesmo diante de um cenário de mudanças e incertezas, Marcelo observa que os educadores hoje contam com referências como as metodologias *Four in Balance*, de melhores práticas de projeto e execução, e *SAMR*, de monitoramento e avaliação. “Com estratégias pedagógicas e objetivos claros, se tem a base para lidar com as ondas tecnológicas e as decisões operacionais”, resume. ■



A solution designed for you!



Hoje, oferecer uma educação flexível, tecnológica e de qualidade é fundamental para o ensino de inglês. Tudo isso se torna possível e mais simples com **Richmond Solution**.



Resultados comprovados por meio de **evidências de aprendizagem** durante todo o processo.



Certificação internacional* para alunos e professores sem custo extra para a escola ou para as famílias.



Ambiente digital de aprendizagem com variedade de recursos didáticos.



Consultoria pedagógica em uma jornada 360°.

Disponibilizamos **ofertas personalizadas** que respeitam o momento e as necessidades da sua escola.

Agende uma reunião com nossos especialistas.

www.richmondsolution.com.br

0800 772 1060

*Confira as condições comerciais com o consultor que atende a sua escola.

Quer saber mais?



 /Richmond.Br

 /richmondbrasil

 /@richmondbrasil

 /company/richmondbrasil

rsolution@richmond.com.br



**Professor:
um estranho na**

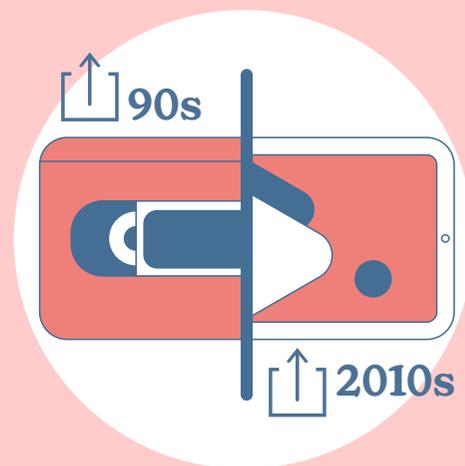
M a t r i x

Por **Carol Calil**

De volta para o futuro

No início da década de 90, se um estudante quisesse compartilhar uma imagem ou vídeo na escola ele teria que imprimir cópias físicas da imagem ou gravar fitas de VHS e distribuí-las entre os colegas. Esse material passaria de mão em mão e circularia entre um grupo limitado de pessoas até que, enfim, fosse descoberto e destruído. Após algum tempo, poucas pessoas se lembrariam daquele conteúdo e o assunto, eventualmente, desapareceria. A circunscrição geográfica impunha limites rígidos à comunicação e aos relacionamentos, cenário que mudou radicalmente desde a explosão da *internet* no final da mesma década.

A *internet* revolucionou a comunicação, os relacionamentos e a forma como percebemos o



mundo. A possibilidade de se pedir um carro, ou uma refeição, realizar transações bancárias, reservar um quarto de hotel, consumir músicas e filmes sob demanda a partir de um dispositivo portátil na palma de nossas mãos mudou os parâmetros de interação. Assim, a mesma imagem ou vídeo que circulavam de mão em mão nas escolas na década de 90 podem ser compartilhados com milhares de pessoas em qualquer lugar do mundo em questão de segundos, e a pegada digital desse conteúdo não só escapa ao controle, mas também alimenta um algoritmo que gera uma enxurrada de conteúdos similares.

As tecnologias de comunicação e interação impõem novos desafios e ressignificam os papéis sociais de professores e alunos ao transformarem as clássicas tarefas da educação escolar. Os estudantes não dependem mais exclusivamente de bibliotecários para lhes dar acesso aos fatos, ou de professores detentores de conhecimento e transmissores de saberes, mas sim de orientação para navegar em um vasto oceano de dados e discernir a confiabilidade e relevância das informações disponíveis. O *Google* substituiu as enciclopédias, o corretor de texto substituiu os dicionários de papel, o *Power Point* reduziu significativamente o número de cartazes nas paredes e a >>



» tecnologia que antes era apoio, agora assusta ao criar conteúdo. É o que a terceira Lei de Clarke, cunhada em 1972 pelo autor de ficção científica Arthur C. Clarke, postula “Qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível da magia”.

Magia! Encantamento! Essas são as sensações trazidas pelas tecnologias criativas. Com o avanço das tecnologias de inteligência artificial e *design* digital, novos conteúdos podem ser criados com facilidade. Se antes os professores se preocupavam com plágio, quais seriam os desafios trazidos por ferramentas como o *ChatGPT4*, capaz de gerar textos complexos e originais a partir de uma lista curta de comandos, ou pelo *Midjourney*, que permite a criação de imagens realistas, como a viral foto do Papa com uma jaqueta esportiva ou a selfie de Napoleão Bonaparte e sua tropa? Esses são apenas alguns exemplos de ferramentas que agora competem pela atenção dos alunos nas salas de aulas e influenciam as atividades escolares.



De produto a experimento social

Os ruídos externos não são novidade nas escolas. Nos anos 90, com o aumento do acesso às mídias, as estrelas de cinema, da televisão e da música se tornaram ícones da cultura popular, ditando tendências na aparência e no estilo de vida dos jovens. O que muda nessa cultura com a chegada das personalidades da Internet é que, diferentemente da figura idealizada das celebridades da época, o apelo dessas vai além da fama e do modelo a ser imitado. Elas tocam em um aspecto caro da existência, a autenticidade: pessoas que se parecem, pensam e agem como EU.

Assim como os habilidosos **Flautistas de Hamelin**, os influenciadores digitais dedicam-se à produção de conteúdos planejados e editados para parecerem orgânicos, gerando uma conexão emocional com seus seguidores. Essa conexão é baseada em uma **relação parassocial**, na qual os jovens veem nos influenciadores uma espécie de amigo virtual que os

ajuda a lidar com o desconforto social da adolescência. O médico e influenciador Brian Boxer Wachler, autor do livro *Influenced*, descreve essa relação como uma oportunidade para os jovens encontrarem um senso de pertencimento e identidade.

Essa interação entre a audiência e as personalidades de mídia se torna especialmente complexa quando se considera o modelo de distribuição que dá acesso a ela: o modelo de monetização. Jaron Laner, autor do livro *Dez argumentos para deletar suas redes sociais*, é bastante enfático ao dizer que “se você não está pagando por um produto, você é o produto”. As empresas competem pela atenção das pessoas e, mesmo sem perceber, os usuários alimentam um algoritmo que cria um padrão para tudo o que chega até eles. O que esses usuários muitas vezes não compreendem é que o conteúdo que consomem não é isento, ele foi gerado a partir de dados que antecipam suas ações para mantê-los engajados.

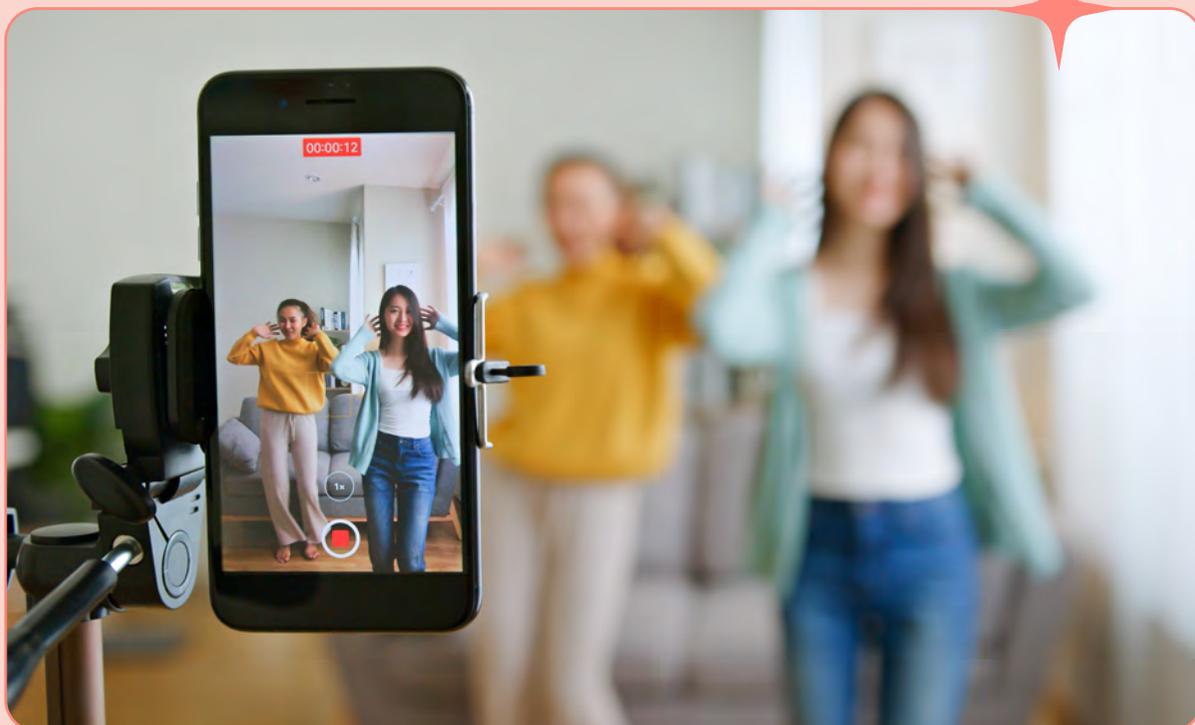
Seria de se esperar que os chamados nativos digitais, termo cunhado por Mark Prensky para se referir às pessoas nascidas após 1980, tendo crescido na era da informação, fossem capazes de evitar as armadilhas dos algoritmos e das redes sociais. No entanto, dados do projeto *Transmedia Literacy* mostram uma outra realidade. O estudo revelou que nem todos os adolescentes apresentam o mesmo nível de habilidade de produção ou análise crítica das mídias, o que mostra um hiato no letramento digital desses jovens **prosumidores** (Toffler, 1980), ou consumidores participantes (Meyers, Erickson e Small, 2013). >>

“O que esses usuários muitas vezes não compreendem é que o conteúdo que consomem não é isento, ele foi gerado a partir de dados que antecipam suas ações para mantê-los engajados.”

O Flautista de Hamelin

Apesar de os registros históricos remontarem ao ano de 1300, a figura do flautista de Hamelin foi popularizada pelos Contos de Grimm. A figura exótica contratada para exterminar os ratos da cidade de Hamelin, na Alemanha, teria enfurecido a população ao usar uma flauta para encantar os ratos e levá-los para fora da cidade. Os moradores teriam negado pagamento ao flautista, que por sua vez buscou vingança usando a flauta para atrair as crianças.





Os novos sujeitos e a escola

Os estudantes de hoje, ao contrário de seus professores, cresceram em um ambiente mediado por tecnologias e, embora não seja possível prever as mídias disponíveis para as próximas gerações, é possível antecipar as habilidades, atitudes e hábitos necessários para que tenham autonomia em suas vidas hiper mediadas. Ao reconhecer a natureza por trás da construção de conteúdos, os jovens poderão refletir criticamente sobre a forma, a autoria, a fonte, a credibilidade, os efeitos e significados do que consomem, produzem e compartilham. Para tal, faz-se necessário, a compreensão da interação dos atores da escola com as TICs (Tecnologias de Comunicação e Informação) e as RSI (Redes Sociais na Internet).

Em 2017, Carrano realizou uma pesquisa com 1224 estudantes e 44 professores do Ensino Médio em uma escola no Rio de Janeiro para compreender a presença RSI no cotidiano escolar e seu uso por

professores e estudantes. O estudo mostrou que 50% dos jovens têm o acesso às redes sociais como a primeira atividade do dia, chegando a passar mais de 11 horas diárias conectados a elas, o que significa que também as usam durante a jornada escolar. Ao serem questionados se conseguiriam passar mais de uma semana sem usar as redes, apesar de 55,2% terem respondido que sim, 33,9%, afirmaram que não conseguiriam passar tanto tempo longe delas.

Quanto ao uso, 23,1% dos estudantes publicam conteúdo e comentam, 14,1% produzem conteúdo autoral e 37,1% somente consomem o que está disponível, sem interagir. Quando se olha para a natureza desse uso, a diversão, o lazer e a interação social aparecem em primeiro lugar, com apenas 4,1% dos estudantes afirmando usar esse espaço para a pesquisa escolar. Apesar de o uso das redes para fins educacionais ser limitado, 59% dos estudantes responderam que o uso das redes sociais pela escola poderia contribuir para a aprendizagem, enquanto 51,2% gostariam que seus professores utilizassem mais as redes sociais para os estudos e trabalhos escolares.

Tão evidente quanto o inevitável convívio da escola com as redes sociais é o descompasso entre as práticas de ensino e aprendizagem e os interesses dos jovens. Se a proposta é chegar aos jovens, por que não encontrá-los onde eles estão? Ao buscar por dicas para o ENEM no *TikTok*, é possível encontrar vídeos feitos por estudantes e professores com dicas de estudo, passo a passo de como usar o SiSU e resumos de conteúdos relevantes. O que impede o diálogo entre a escola e os estudantes? Quanto desse uso das redes poderia ser revertido para a prática escolar? >>

“Tão evidente quanto o inevitável convívio da escola com as redes sociais é o descompasso entre as práticas de ensino e aprendizagem e os interesses dos jovens.”



Glossário

Relação parassocial – Relação psicológica vivenciada por uma audiência em sua interação mediada com personalidades ou influenciadores das mídias de massa, especialmente através das plataformas digitais.



Prosumidores – Termo cunhado em 1980 por [Alvin Toffler](#) para se referir a um novo perfil de comportamento. A palavra é a junção dos substantivos “produtores” e “consumidores”; do inglês “prosumers” (“producers” e “consumers”).

Como preparar o professor para lidar com esses desafios

O letramento de mídia deve ser parte integrante do currículo da Educação Básica. E, ao contrário do que se vê na prática escolar, não é necessário aguardar até que os estudantes tenham um repertório sofisticado de conhecimento teórico para que seja iniciado. É preciso combater a ideia de que as mídias digitais são inerentemente prejudiciais aos jovens e que devem ser mantidas longe das salas de aula. Abraçar a Cultura Digital, à letra da BNCC, significa integrá-la ao cotidiano da escola em todos os seus aspectos: “Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva” (BNCC, 2018).

O conceito de Decodificação Construtivista de Mídia é um processo de análise de mídias baseado em perguntas que vem ao encontro da BNCC em seu princípio de empoderar >>

“É preciso combater a ideia de que as mídias digitais são inerentemente prejudiciais aos jovens e que devem ser mantidas longe das salas de aula”.





» e, conseqüentemente, engajar os estudantes. Ensinar a pensar, por assim dizer, desde as séries mais iniciais, e incentivá-los a fazer perguntas-chave é o caminho para que sejam protagonistas de suas ações. O conceito é bastante simples: estender o letramento e aplicá-lo a todas as formas de tecnologia através das quais se tem acesso a informações, ideias, impressões e entretenimento. O paradigma está em ampliar a noção de que a função do letramento midiático é proteger os jovens dos perigos das redes para focar no desenvolvimento de jovens letrados em mídias, capazes de identificar informações falaciosas, reconhecer e desafiar estereótipos, evitar armadilhas e não replicar a violência. Assim como não se ensina uma criança a ler para protegê-la de livros nocivos, não se educa para o letramento de mídia para evitar as mídias, mas sim para prepará-la para a vida (Scheibe e Rogow, 2012). Fazendo uma ponte com o pensamento de Paulo Freire (1970, 1985), ao decodificar as mensagens sociais, reforça-se ou desafia-se as estruturas de poder ou, nesse caso, os algoritmos, a violência e o modelo de monetização.

O trabalho de letramento de mídia não se limita a uma única aula, a uma intervenção pontual ou a projeto em uma das séries. Ele deve ser integrado transversalmente ao currículo, de forma a construir uma sequência de conhecimentos e habilidades a serem desenvolvidos ao longo de toda a vida escolar, integrados aos componentes curriculares. Ao



promover a leitura crítica de uma postagem em rede social na aula de línguas, discutir a linguagem de diferentes campanhas presidenciais ao longo das décadas na aula de história, analisar gráficos e infográficos em matemática, desenvolve-se a habilidade de pensar, em vez de se induzir uma forma pensar. Não se trata de o professor colocar as perguntas que nortearão as análises ou guiar a interpretação, mas de promover o hábito de colocar em xeque o que está posto e buscar múltiplas evidências para dar suporte às análises antes de se chegar a uma aprendizagem coletiva e bidirecional envolvendo professores e estudantes que, por sua vez, estão dispostos a questionar seus próprios vieses e interpretações. Os holofotes, nesse contexto, saem do

ensino de fatos e conteúdos para se ensinar a questionar, a resolver problemas, a criar e a pensar criticamente.

O desenvolvimento do pensamento crítico está no cerne da educação no século XXI e, para que essa integração curricular seja bem-sucedida, ela deve, primeiramente, ser incorporada ao Projeto Pedagógico da escola, projeto esse que fica condenado a letra morta se não for fruto de estudo e redesenho coletivo de todos os atores responsáveis por colocá-lo em prática. Uma vez estabelecidas metas realistas com relação ao desenvolvimento da Cultura Digital, faz-se necessária a promoção de ações frequentes que garantam a sustentabilidade do trabalho, tais como grupos de estudo, encontros de compartilhamento de práticas

“O trabalho de letramento de mídia não se limita a uma única aula, a uma intervenção pontual ou a um projeto em uma das séries. Ele deve ser integrado transversalmente ao currículo.”



Carol Calil é professora e pesquisadora engajada no desenvolvimento de experiências de aprendizagem significativa. Possui formação em Letras Português Inglês, especialização em Língua Inglesa, MBA em Gestão Escolar (USP) e mestrado em Linguística Aplicada (UnB). Com quase 25 anos de experiência no campo da educação, Carol iniciou sua carreira em sala de aula nos anos finais do Ensino Fundamental como professora de inglês, redação e literatura, atuando também como professora especialista de inglês na Educação Infantil, Anos Iniciais e Ensino Médio. Nos últimos anos, atuou como gestora na criação e implantação de currículos bilíngues transdisciplinares que contemplem as linguagens como forma de comunicação, interação e expressão cultural. Consultora Pedagógica Especializada e colaboradora do Richmond Share Blog, trabalha com a formação de gestores e professores em busca de uma educação que rompa os limites da sala de aula para formar cidadãos críticos, comprometidos e engajados na transformação da nossa sociedade.

e a disponibilização de materiais e planos de aula de fácil acesso e aplicação. A prática autônoma requer tempo, recursos e, acima de tudo, uma mudança cultural e, embora palestras pontuais possam gerar uma faísca de curiosidade entre os professores, somente o trabalho contínuo pode garantir a longevidade do projeto.

A segurança, a autonomia e o protagonismo dos jovens de hoje dependem, fundamentalmente, do letramento crítico de uma sociedade em que padrões fixos e duradouros são substituídos por formas fluidas e mutáveis de organização social (Bauman, 2000). Assim como os jornais, o rádio e a TV deixaram de ser os principais meios de informação, em algum momento do futuro, a *Internet* e as mídias sociais não existirão da forma como as conhecemos hoje. É papel da escola desenvolver nos estudantes as competências, habilidades e valores para questionarem o mundo ao seu redor, criarem significado e, conseqüentemente, serem protagonistas de suas aprendizagens. ■

para saber mais

Documentário: Netflix - O Dilema das Redes

Site do projeto *Transmedia Literacy*:
transmedialiteracy.org

Site do projeto *Look Sharp* com planos de aula para o letramento midiático:
projectlooksharp.org/lessons

EDUCACIÓN QUE ROMPE **FRONTERAS**

UM NOVO CONCEITO **EM EDUCAÇÃO SE INICIA...**

Ser pioneiro na educação é trilhar um território desafiador. Para se diferenciar em seu negócio, convidamos você a redefinir as fronteiras da inovação com um novo idioma. Afinal, a melhor forma de superar a concorrência é criar uma necessidade ainda não explorada!

Proyección é uma solução educacional de língua espanhola inovadora e flexível, para **crianças, adolescentes e jovens adultos**, alinhada ao Marco Comum Europeu de Referência para as Línguas (MCER).



NOSSA PROPOSTA

Queremos impulsionar sua escola para um novo patamar, com um diferencial competitivo que irá ampliar a capacidade de conquistar novos alunos.

Recursos de
aprendizagem

Consultoria
pedagógica

Programa de
desenvolvimento
docente

Marketing
educacional



Seja uma
escola parceira.

 proyeccion.com.br

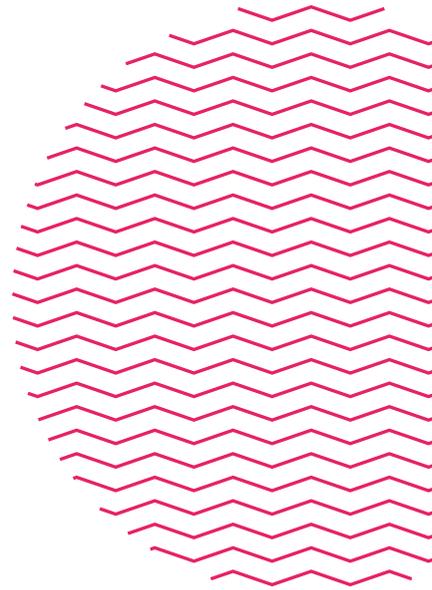
 [/SantillanaEspanol](https://www.facebook.com/SantillanaEspanol)

 [@santillanaespanol](https://www.youtube.com/@santillanaespanol)

 proyeccion@santillana.com



Família e escolas devem combater as ferramentas digitais da violência



Crianças continuam como vítimas mais vulneráveis, jovens ficam mais expostos a crimes contra direitos humanos e privacidade, mas já há respostas técnicas para os desafios atuais e futuros

A exposição de imagens de abuso infantil representou o maior número de ocorrências reportadas à Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos da SaferNet Brasil, com 58% das 193.277 denúncias registradas em 2022. Os crimes de ódio, todavia, tiveram um aumento de 67,7%, o que inclui 10,3 mil casos de apologia de crimes contra a vida.

Entre as diversas iniciativas de resposta das autoridades aos ambientes virtuais de realização ou suporte a crime e violência, o Ministério da Justiça e Segurança Pública anunciou o portal Escola Segura, em parceria com a SaferNet Brasil. A organização desde 2006 opera uma central de monitoramento e denúncias, além de manter o HelpLine, um canal de assistência a internautas, que já prestou mais de 36 mil atendimentos.

A advogada e especialista em direito digital há 20 anos Kelli Angelini, vive com a agenda cheia: atende escolas que têm problemas com alunos envolvendo *internet*, mas principalmente trabalha a prevenção. “Falo com crianças de todas as séries. Às vezes, numa palestra, levo alguns casos de perigos para relatar e as crianças me trazem vários outros. Por exemplo, quando disse que muitos adultos cybercriminosos criam perfis falsos para se passar por crianças, um menino de 10 anos me contou sua história: ficou amigo de um garoto que quis visitá-lo >>>

Muitos adultos cybercriminosos criam perfis falsos para se passar por crianças



e marcaram uma conversa na porta do prédio. Ao descer, essa criança olhou, só viu um adulto e entrou correndo para seu apartamento”, diz Kelli

Nas modalidades de crimes de ódio, o maior crescimento entre 2021 e 2022, de 874%, foi referente a xenofobia. Contudo, houve 26,7 mil casos de misoginia, 251% a mais que no ano anterior. Enquanto as denúncias de racismo aumentaram 34% (9259 no total), o crime de neonazismo teve um recuo de 81,6% em casos reportados. “Apesar disso, consideramos que essa diminuição pode ser explicada pela transferência desses grupos para redes sociais fechadas, a fim de escapar de monitoramento, após a excessiva exposição, com prisões em 2021”, pondera Manu Halfeld, gerente de projeto na SaferNet Brasil.

Kelli Angelini, autora de livros/guias sobre cuidados e responsabilidades no uso da *internet, bullying e cyberbullying*, danos no vazamento de nudes, liberdade de expressão e violação da intimidade na Internet, conta que falar de cidadania e educação digital é importante como prevenção. **“É necessário conversar sobre respeito, empatia, tolerância. Fui chamada a uma escola e relataram que uma aluna criou perfil falso e começou a cortejar um colega. Com o passar do tempo, esse menino se apaixonou e teve início a troca de correspondência, ignorando que a garota divulgava na escola. Os amigos o advertiram e ele sofreu muito”.**

A BNCC diz, na competência 5, que o estudante deve compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de

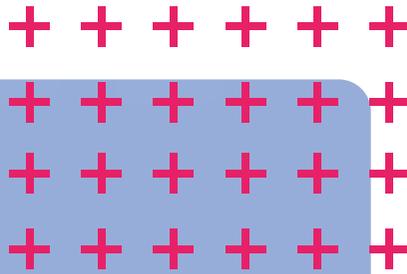
Além dos casos reportados à central de denúncias, os dados apurados no HelpLine mostram um cenário particularmente hostil para as meninas.

forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Além dos casos reportados à central de denúncias, encaminhados aos responsáveis por investigação e eventuais ações penais, os dados apurados no HelpLine mostram um cenário particularmente hostil para as meninas. Em paralelo às estatísticas sobre misoginia do outro levantamento, das denúncias de crimes, a “exposição de imagens íntimas” aparece como segundo item com mais pedidos de ajuda no HelpLine. No primeiro item, de “problemas com dados pessoais”, a divisão por gênero é equilibrada, **enquanto no segundo caso 60% dos pedidos de ajuda são de mulheres. “Exposição de imagens íntimas, cyberbullying e problemas com dados pessoais foram os principais temas buscados por adolescentes no canal de ajuda da Safernet em 2022”, menciona a pesquisadora.**

Kelli diz que, em frente a uma tela, às vezes o adolescente se sente seguro para ofender, fazer perfis falsos, tratando a *internet* como terra sem lei. “As escolas têm enfrentado esse problema e as desavenças entre alunos. Ainda que as ações tenham sido criadas fora da sala de aulas, são levadas pelos pais da criança ofendida para que a direção do estabelecimento resolva. Então é

“Escola, família, governo e sociedade devem atuar para criar mecanismos de prevenção.”



preciso trabalhar na prevenção”. Kelli vai mais longe: “escola, família, governo e sociedade, enfim, devem atuar para criar mecanismos de prevenção. Os de punição já existem, inclusive com os pais da criança agressora tendo que pagar multas”. Ela diz que os jovens relatam cenas dos jogos na *internet* em que a comunicação é recheada de xingamento e ameaças. “É um ambiente muito tóxico”, finaliza.

Andressa Del Rey, *head* de estratégia de comunicação da I2AI (*International Association of Artificial Intelligence*), aponta a necessidade de abordagens mais abrangentes. “Toda hora os jovens entram em novas redes e a violência pode chegar às crianças por meio de um *game*”, adverte. A boa notícia é que os novos modelos de inteligência artificial trazem a capacidade de análise de contextos. **“É recomendável cuidado com o dispositivo, a aplicação e os acessos que se põem na mão da criança, mas é um controle limitado. A Web 3.0, mais descentralizada e com usuários com mais autonomia, traz novos riscos e dificuldade para os bloqueios tradicionais. Com os modelos *transformers* e redes neurais, passamos a conseguir entender os textos e imagens, assim como o esquema de distribuição”**, descreve.

Alessandro de Oliveira Faria, especialista em visão computacional e CTIO da Oiti Technologies reconhece que desde 2017, quando começou o desenvolvimento, a tecnologia e os investimentos em estrutura computacional avançaram muito. Contudo, defende um modelo de análises descentralizado, em que o conteúdo é classificado desde sua origem. “Hoje, o volume de imagens gerado a cada segundo é assustador. Mas se convergir para estruturas centralizadas, tudo vai depender do que acontece nos *datacenters* das *big techs*. Os próprios *smartphones* (fazendo jus ao próprio nome) têm recursos para aplicar políticas de tratamento de conteúdo antes que seja transmitido ou até mesmo gerado”, explica. ■



Tecnologia na prática: o processo de conscientização digital no Colégio Arvense

Um bate-papo sobre a implantação de tecnologias educacionais no Colégio Arvense e sobre o processo de conscientização acerca da cultura digital com alunos e famílias.

Por **Carol Calil**

Hoje temos na tecnologia um instrumento que oferece mais agilidade e praticidade em diferentes processos.





1 Qual é a relação da escola com a tecnologia? O que mudou a partir do momento que o Arvense entendeu e inseriu as TICs como parte de sua cultura?

Quando entendemos que ganhávamos agilidade, interatividade e qualidade no trabalho, percebemos que não poderíamos deixar de aproveitar essa oportunidade. É claro que

isso foi intensificado pela pandemia, mas hoje temos na tecnologia esse instrumento que nos permite focar no que é essencial. As aulas também mudaram, os livros digitais e os recursos de realidade aumentada trazem brilho aos olhos e ampliam o poder de abstração da criança; isso traz uma outra dimensão ao aprendizado, quando comparamos com um texto impresso no livro. Muitas pessoas ficaram resistentes às telas por causa da pandemia,

e as aulas online são de fato mais cansativas, mas ninguém pode negar a riqueza que esses momentos trouxeram para nós. A tecnologia conferiu escalabilidade ao trabalho para que possamos nos ocupar do que é realmente importante.



A tecnologia conferiu escalabilidade ao trabalho para que possamos nos ocupar do que é realmente importante.

Todo mundo vê as novidades que estão surgindo como ameaças, nós podemos e devemos ver como oportunidade de evolução mesmo.

2

Que competências os seus professores desenvolveram a partir do momento em que a tecnologia deixou de ser ferramenta e virou cultura na sala de aula?

Numa sala de aula que você só explana, tudo é muito mais fácil. Mas quando você precisa saber como é que está essa lógica da construção de conhecimento junto com o aluno, ouvindo e entendendo essas pistas pra você fazer uma caminhada leve e, ao mesmo tempo, desafiadora para ele, a história muda. O professor precisa se ocupar e se organizar para fazer essas escolhas. Quando existe desejo, quando existe vontade e disponibilidade, o espaço e a aprendizagem aparecem e a transformação acontece. Eu vejo entre essas competências a pessoa estar aberta para coisas novas, aberta para aprender. Todo mundo vê as novidades que estão surgindo como ameaças, nós podemos e devemos ver como oportunidade de evolução mesmo. Afinal, se trabalharmos corretamente, em um caminho didático saudável, não tem por que não ter uma relação saudável com a tecnologia. É um instrumento que faz você ficar cada vez mais ávido por conhecimento e agiliza muito a sua vida, sobrando tempo pra poder fazer coisas importantes, como ouvir o aluno, por exemplo. A gente só não pode esquecer de ser gente. De repente, não só trabalhar o socioemocional na escola, mas as coisas que só nós conseguimos fazer enquanto humanos, enquanto seres críticos. >>

3

Qual o lugar e o tempo que a tecnologia ocupam no planejamento do professor e na rotina de sala de aula dos alunos?

A aula começa com uma rodinha, com a gente se ouvindo, se olhando e combinando como vai ser o dia. Eu acho que começar a aula assim traz um contexto e trilha um caminho respeitoso, levando em consideração as lógicas de cada criança, as pistas que elas dão pra gente, afinal, nós estamos o tempo todo construindo conhecimento. Logo depois, a gente vai para o trabalho, ou para a plataforma, dar continuidade ao questionamento iniciado na rodinha, usando a tecnologia para ilustrar e para sustentar qualquer tema que esteja em estudo. Hoje ficamos imersos em tecnologia para realizar 60% do nosso trabalho. De planejamento, de registro, a gente chega a 60 – 70% do nosso tempo usando plenamente esses instrumentos para viver a nossa rotina de trabalho. As crianças nem tanto, porque essa faixa etária que a gente atua aqui é ainda de pequeninhos, até 10 anos. Então, precisamos dosar muito isso, tentamos fazer uma aula sempre dosando com cuidado, para que não ultrapassemos o tempo que é saudável para as crianças e para nós.

Logo depois, a gente vai para o trabalho, ou para a plataforma, dar continuidade ao questionamento iniciado na rodinha, usando a tecnologia para ilustrar e para sustentar qualquer tema que esteja em estudo.



4

Pensando em LGPD e em Cultura Digital, de que forma a tecnologia está inserida na rotina da gestão pedagógica, da administração, do marketing, do RH e em outras áreas da escola?

Com relação à LGPD, nós nos preparamos, trabalhamos com a equipe, mas acaba sendo algo que fica na corrente sanguínea e na própria cultura da escola que todos esses dados, todas essas informações, precisam ser muito cuidados, por isso,

a gente sempre pede as permissões para todos. Um exemplo disso é quando o MKT faz um trabalho de captar vídeos na escola: nós temos um controle e um monitoramento de quem são as crianças que têm ou não restrição de imagem. Hoje temos menos restrições do que antes, pois os pais gostam de ver as crianças nos stories da escola. Nós compartilhamos as evidências de aprendizagem que produzimos com as crianças por esse canal. Foi feito um trabalho com o marketing para que pudéssemos extrapolar as tradicionais fotos e vídeos com música de fundo e traduzir em imagens a intencionalidade por trás do fazer pedagógico. O brincar tem uma intenção: aquele sorriso, aquela alegria de se deparar com o aprendizado, com o gosto de estar produzindo algo bacana. Isso tudo tem um valor e a gente não tinha acesso a isso antes porque era uma coisa que ficava muito restrita à sala de aula. É claro que enfrentamos resistência no começo, mas é uma construção. Aos poucos as professoras viram que trazia um reconhecimento e uma constatação de que o trabalho alcançou os objetivos esperados e que isso também incentivava outros pais e crianças a valorizarem esse trabalho. a gente possa perder um pouco desse ranço do reclamão. Tem que falar das coisas boas que acontecem, são

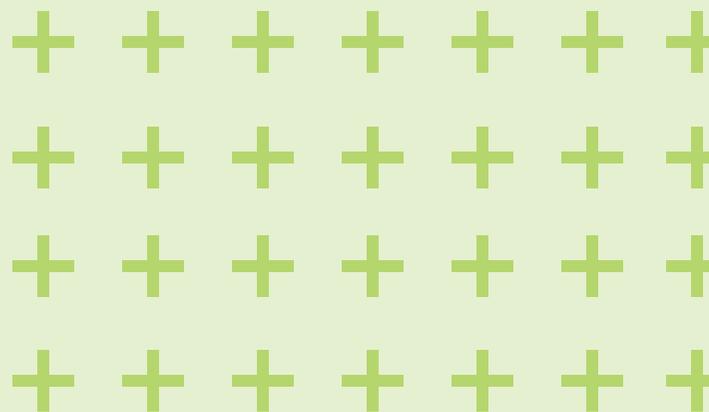
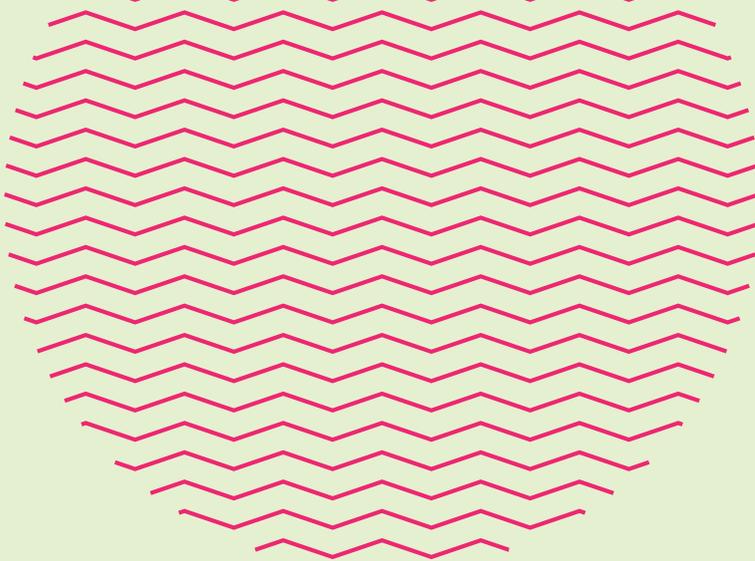
elas que devem nutrir a gente. E hoje eu vejo que os professores começam a ter orgulho de se verem. Porque também dá uma visibilidade para o professor, uma autoridade para o professor. Porque ele a tem, mas ele não é de divulgar isso e às vezes fica mais tímido. E a gente começou aos pouquinhos. O pessoal do mkt falava “a professora disse que não quer, que não gosta de câmera”. E a gente dizia “Não tem problema não. Tudo no seu tempo, aos pouquinhos. Olha direitinho o planejamento e veja o que você quer compartilhar com a gente. E aí hoje o número já reverteu. Então eu vejo isso como uma ação positiva de a gente dar visibilidade para o trabalho do professor e essa autoridade que ele tem. Porque tudo o que ele está >>>

Hoje temos menos restrições do que antes, pois os pais gostam de ver as crianças nos stories da escola.



**Tem que falar
das coisas
boas que
acontecem, são
elas que devem
nutrir a gente.**

fazendo ali, ele faz porque tem uma intenção. O brincar tem uma intenção, aquele sorriso, aquela alegria de se deparar com o aprendizado, com o gosto de estar produzindo algo bacana. Isso tudo tem um valor e a gente não tinha acesso a isso antes porque era uma coisa que ficava muito restrita àquela sala de aula.



5

E nessa rotina de administração e gestão pedagógica, qual é o papel da cultura digital nessa rotina hoje? Ainda existe aquele diário azul de papel, ou não existe mais?

Você sabe que a única coisa que existe aqui de papel é o diário mesmo, nem a ata de conselho de classe é mais manuscrita. Isso porque não conseguimos ainda ajustar o sistema para que atenda à nossa grade flexível, mas é um dos nossos objetivos até 2024 que a gente saia desse manuscrito para evitar o retrabalho. Agora, vamos pensar no RH. Não consigo ver hoje um RH manuscrito,

ou com planilhas estéreis pra fazer. Hoje tudo é feito em um sistema online. Se alguém entra de atestado hoje, isso já vai pro sistema e ele já vai calculando. O monitoramento ficou bem melhor, os registros são em tempo real. Virou agilidade, ganhamos mais qualidade de trabalho, além da documentação e do registro ficarem impecáveis. >>

6

Como foi o processo de conscientização e inserção das famílias no processo de ampliação da Cultura Digital do Arvense?

Não foi. Está sendo, pois ainda estamos vivendo isso. Com o advento pandêmico, todos precisamos buscar essa saída. Mas, ao mesmo tempo, nós temos o outro lado, porque todo mundo saturou e rejeitou ainda mais o digital. A faixa etária com que trabalhamos exige bastante cuidado quanto ao tempo de tela. Ainda ontem um pai estava falando sobre isso e eu falei: “Vamos pensar que nós não temos como ficar sem tela, então nós vamos usar da forma mais saudável possível”. A escola está tendo um cuidado de fazer essa dosagem e a gente monitora isso. A nossa primeira MPE (Momento privilegiado de Estudo – avaliação processual), foi totalmente digital. Alguns pais me questionaram o uso de uma ferramenta digital para a avaliação, mas eu mostrei a proporção de dias letivos e do tempo que ficamos na tela e os números falaram por si. Nós

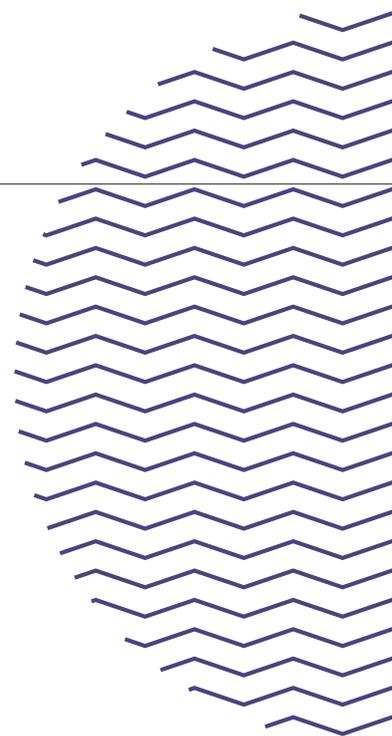


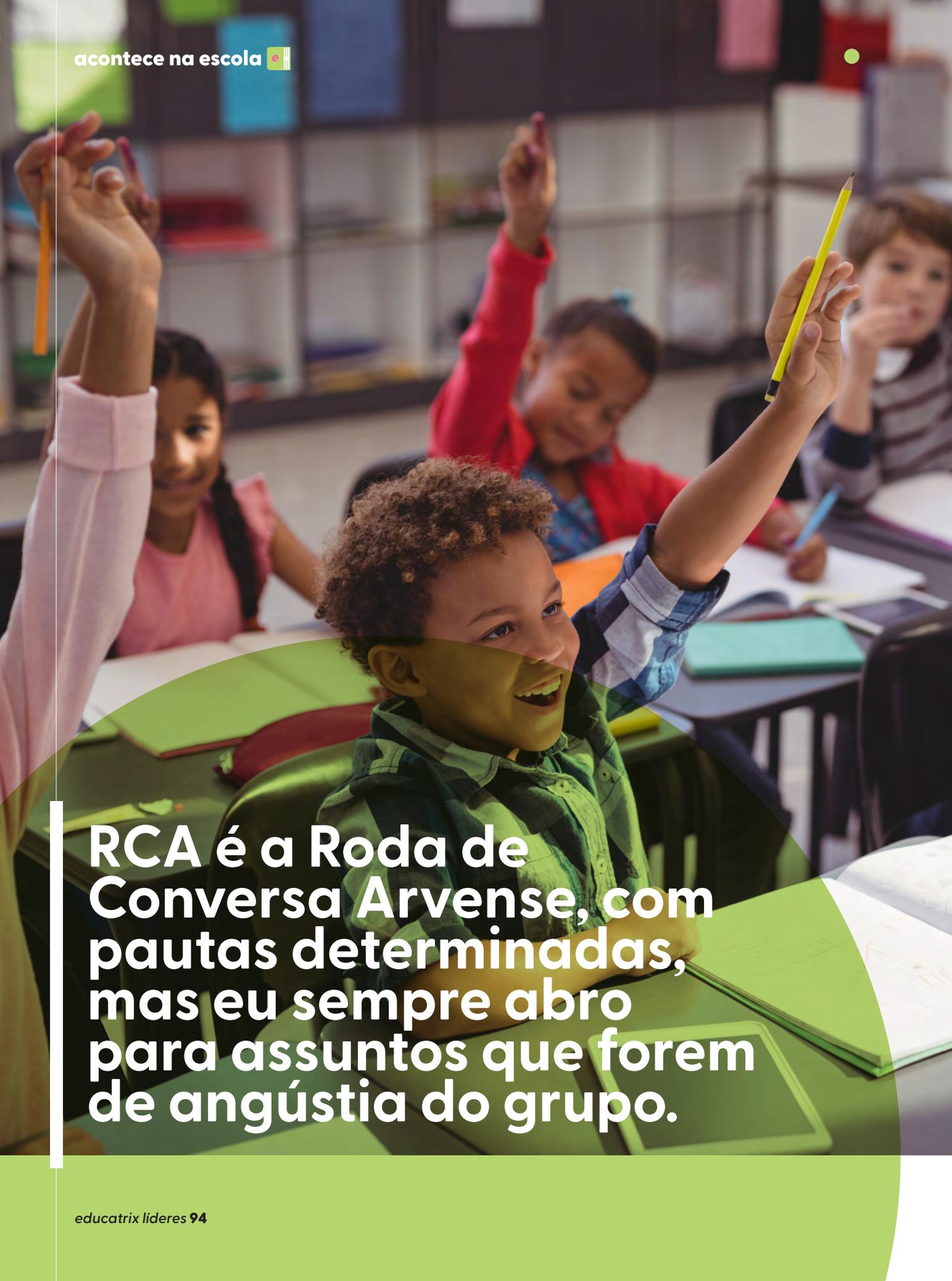
trabalhamos, por semana, no máximo 5 horas em tela divididas entre sessões de 20, 30 minutos, às vezes de 1 hora, compensando nos outros dias da semana pra fazer uma dieta balanceada. Quanto à família, nós publicamos na sexta-feira o mapa de aprendizagens com o que vai acontecer na semana seguinte, e ela pode, a partir dali, fazer a dosagem completa.



“Vamos pensar que nós não temos como ficar sem tela, então nós vamos usar da forma mais saudável possível”

Nós trabalhamos, por semana, no máximo 5 horas em tela divididas entre sessões de 20, 30 minutos, às vezes de 1 hora, compensando nos outros dias da semana pra fazer uma dieta balanceada. >>



A young boy with curly hair, wearing a green plaid shirt, is sitting at a desk in a classroom. He is smiling and raising his right hand, holding a yellow pencil. In the background, other children are also raising their hands, and there are desks with books and papers. The scene is brightly lit, suggesting a positive and active learning environment.

**RCA é a Roda de
Conversa Arvensê, com
pautas determinadas,
mas eu sempre abro
para assuntos que forem
de angústia do grupo.**



7 Vou pedir pra você falar de duas coisas que eu sei que você usa com as famílias que envolve essa tecnologia, que envolve a cultura digital do Arvensê. Uma é a RCA (Roda de Conversa Arvensê), que são momentos de conversa com os pais que são online e depois geram conteúdo e o processo de comunicação com os pais, que deixou de ser uma agenda física e hoje tudo é digital.

RCA é a Roda de Conversa Arvensê, com pautas determinadas, mas eu sempre abro para assuntos que forem de angústia do grupo. Eu fiz muita reunião presencial mas, depois da pandemia, eu tenho feito online, o que funciona muito bem. Hoje, inclusive, conseguimos fazer on-line as reuniões de feedback do desenvolvimento das crianças, assim como de entrega de portfólio e avaliação diagnóstica. Os atendimentos são 80% online, e funcionam muito bem. Essa roda de conversa é um bate papo com tema e esse ano já fizemos algumas: cultura de avaliação, trilinguismo. A participação é bem bacana porque todos podem falar e todos têm voz. Mas, para além disso tudo, nós temos o conhecimento que a gente vai trabalhando com as famílias. Esse bate-papo permite a interação, a aprendizagem, para construirmos juntos uma cultura receptiva, que permita uma educação mais próxima da realidade de cada família. >>

8 No currículo da escola, há um trabalho voltado para o letramento midiático e a construção de hábitos saudáveis quanto ao uso de tecnologia e redes sociais?

Eu gosto de pegar os materiais e me envolver, ouvir, ver esse debate que as crianças acabam tendo. É uma oportunidade de a gente ouvir como as crianças vão interagindo com todas essas informações. Mas eu diria que a construção desses hábitos saudáveis ainda está muito polarizada. Temos famílias que valorizam essa construção e outras que fazem terrorismo. Eu diria que nós temos um grande trabalho a ser realizado de formação desses adultos com relação ao cuidado, ao zelo, ao monitoramento, ao hábito de fazer escolhas. Quando eu falo que a gente começa nossa aula com uma rodinha e termina com uma rodinha, dialogando sobre o que deu certo e o que não deu certo, isso se torna um exercício que faz om que a gente se torne cada vez mais crítico e mais exigente no sentido de querer mudanças, de evoluir. E isso dá trabalho, dá muito trabalho. estiver. Então isso acontece bacana. Tem dado muito certo.

...a gente se torne cada vez mais crítico e mais exigente no sentido de querer mudanças, de evoluir..”



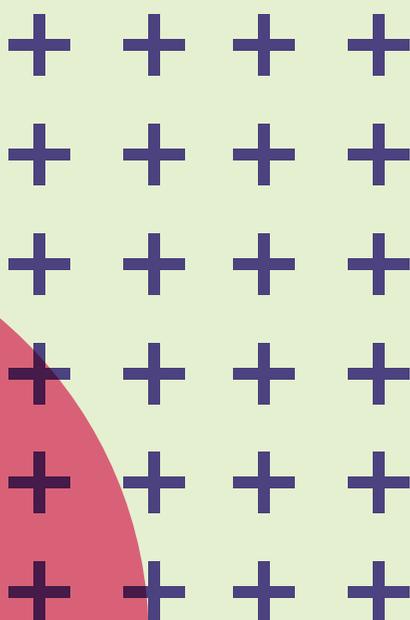


9

Que ações você pensa que poderiam ser feitas para promover esse letramento midiático das crianças e dos pais também? Quando você pensa pra frente, o que você gostaria de fazer para ampliar essa cultura digital, para melhorar esse letramento midiático? Quais seriam as vontades do Arvensense para ampliar a cultura digital e esse letramento midiático?

Eu estava trabalhando com uma consultora do Sebrae esse assunto de inovação: como a escola está, quais são os desejos dela, e eu digo pra você que é preciso muita coragem para inovar. Todo mundo quer novidade, todo mundo quer coisas boas, todo mundo quer evoluir, mas poucas pessoas têm disposição para viver esse processo. Hoje, as pessoas só querem prazer, sem colocar o esforço necessário para se atingir um objetivo maior. Eu vejo que a facilidade, a instantaneidade, essa cultura líquida, faz a gente pensar que não existe esforço. Aliás, uma coisa que precisamos trabalhar mais com todos

os atores que habitam uma escola é que a gente precisa perseverar. Precisamos entender que boa parte é incômodo, é doloroso. Necessitando de muito esforço para que possamos chegar aos nossos objetivos, no sorriso, no prazer de ter produzido coisas boas. Então, eu acho que a coragem é algo necessário para qualquer diretor de escola, eu diria que é uma das coisas mais importantes para se trabalhar com a educação, principalmente na direção de uma escola, porque dá vontade de desistir muitas vezes. Vamos perseverar! Perseverança é tudo!



leiomundo

Como a nova geração lê.

Prazer em ler,
ouvir e aprender.

Sua plataforma de *streaming* de livros, audiolivros, contação de histórias e atividades desde a **Educação infantil** ao **Ensino Médio**. Conta com curadoria especializada de obras das editoras **Moderna** e **Salamandra**.





Biblioteca virtual

Os estudantes tem a acesso a lista completa de obras de literatura de sua faixa escolar, possibilitando explorar livros além dos selecionados pela escola.



Facilidade de acesso

Os leitores podem fazer **download** na biblioteca da plataforma para usufruírem dos livros **offline**.



Audiolivros e contação de histórias

Com mais de **180 audiolivros disponíveis** e **diversos vídeos lúdicos** com contação de histórias para a Educação Infantil, produzidos pela atriz, cantora e contadora de histórias, Carol Levy, exclusivamente para a Leiomundo!



Foco na compreensão leitora

As atividades da plataforma, para avaliar o nível de compreensão leitora, alinhadas à **BNCC**, são baseadas nos critérios de avaliação do **PISA** e pensadas para serem realizadas **antes**, **durante** e **depois** das leituras.

Os maiores autores de literatura infantojuvenil do Brasil, agora no Leiomundo.



Ana Maria Machado



Eva Furnari



Ilan Brenman



Pedro Bandeira



Walcyr Carrasco

e muito mais!



Conheça a solução digital e pedagógica de incentivo à leitura.

 conheca.leiomundo.com.br

 @leio.mundo

 @leio.mundo



GRANDES OBRAS DE LITERATURA

Agora, as editoras Moderna e Salamandra fazem parte da Santillana Educação, que traz em seu catálogo obras que são referência na literatura infantojuvenil.

Proporcionar a experiência de leitura a uma criança é dar a ela a chave de entrada para o mundo da imaginação. Por isso, trazemos um catálogo com grandes escritores nacionais e internacionais, para o trabalho em sala de aula desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Tudo para fazer da leitura uma atividade de novas descobertas e empoderamento.



+ de **320**
Autores

+ de **1.300**
Títulos em catálogo

+ de **1 milhão**
de adoções



Escaneie o QR Code
e conheça nosso
catálogo de literatura.

 /santillanaeducacao

 @santillanaeducacao

 /@santillanaeducacao

 /@editorasalamandra

 /editorasalamandra

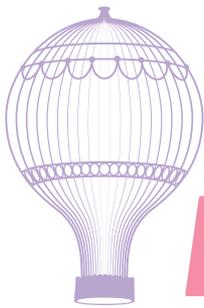
CONHEÇA O LIVRO BEST-SELLER DE RUTH ROCHA, QUE DEU ORIGEM
À SÉRIE MARCELO, MARMELO, MARTELO DO PARAMOUNT+

MARCELO MARMELO MARTELO

SÉRIE JÁ DISPONÍVEL



BAIXE O APP DO PARAMOUNT+ AGORA E ASSISTA A SÉRIE COMPLETA



Autores **Exclusivos**

GRANDES NOMES DA LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA

Verdadeiros presentes para os leitores, Eva, Ilan, Pedro, Walcyr e Ruth formam nosso grupo de autores exclusivos. Para nós, é uma grande honra publicar o trabalho de escritores tão talentosos, criadores de livros de indiscutível qualidade literária.

Com textos distribuídos pelos mais diferentes gêneros, suas obras consagradas já conquistaram o coração de gerações de leitores. Pensadas com carinho para encantar ainda mais crianças e adolescentes, as Bibliotecas dos nossos autores exclusivos são perfeitas para incentivar a leitura, propor a discussão de temas atuais e relevantes e trabalhar diversas competências e habilidades socioemocionais.



Eva
Furnari



Ilan
Brenman



Pedro
Bandeira



Walcyr
Carrasco



Ruth
Rocha



Conheça a biblioteca
completa dos
autores exclusivos

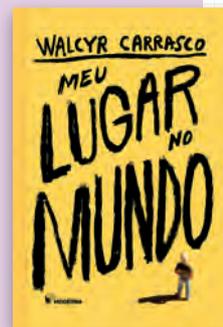
Ruth
Rocha



Marcelo Marmelo Martelo

Os personagens dos três contos deste livro são crianças que vivem no espaço urbano. Elas resolvem seus impasses com muita esperteza e vivacidade: Marcelo cria palavras novas; Teresinha e Gabriela acabam se identificando, apesar das diferenças; Caloca compreende a importância da amizade.

Walcyr
Carrasco



Meu lugar no mundo

Aleph é um adolescente que às vezes se considera um extraterrestre e quer sumir... sumir. Seu irmão, Ariel, é campeão de natação, e os pais o colocam em um pedestal. Mas um suicídio doloroso e inesperado muda o rumo dos acontecimentos, mostrando que nem tudo é como se imagina, e que cada um tem seu jeito de ser.

Ilan
Brenman

Desligue e Abra

Neste livro, Ilan Brenman busca aproximar o leitor do livro que tem em mãos a partir de jogos e diálogos divertidos, fazendo-o esquecer do celular. Diante da profusão de aplicativos dos artefatos eletrônicos, essa obra nos lembra que “desligar” também é uma opção, procurando despertar os jovens leitores para a vida além da tela.



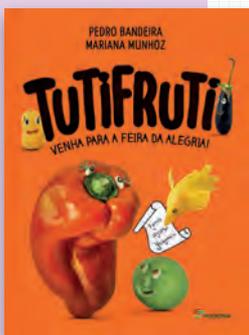
Eva
Furnari



Drufs

Neste livro você poderá ler certas coisinhas interessantes (ou desinteressantes) que os alunos da professora Rubi escreveram sobre suas próprias famílias. Além disso, (se você for observador) vai perceber que, desta vez, Eva Furnari fez ilustrações diferentes e intrigantes - usou seus próprios dedos como personagens.

Pedro
Bandeira



Tutifrutti

Você dá risada quando vê uma salada? Você acha graça em frutas e legumes? Depois de conhecer essa turma do barulho, você vai dar gargalhada cada vez que vir um tomate ou uma berinjela! Venha para a feira da alegria!



um novo MUNDO PASSA POR AQUI

Apostar no ser humano é o que, no futuro, vai gerar em nossa comunidade aquela sensação boa de olhar para trás e dizer: fizemos as escolhas certas e CresceMOS!

o nosso PROPÓSITO É O QUE NOS MOVE

Existimos para garantir o desenvolvimento da inteligência emocional dos estudantes, ampliando sua capacidade de colaborar para a formação de pessoas mais felizes e a construção de uma sociedade mais justa.

uma missão FOCADA NO SER HUMANO

O que nos une é o objetivo de promover a Educação Socioemocional e intervir positivamente no contexto escolar, ajudando cada um a buscar sua melhor versão.





os pilares
**QUE NOS
SUSTENTAM**

- Desenvolvimento sustentável
 - Cultura digital e empreendedora
 - Metodologias ativas e aprendizagem significativa
 - Bem-estar pessoal e coletivo
- Autoconhecimento

a nossa
PROPOSTA

O projeto Crescemos propõe o aprofundamento de 10 grandes competências de ordem cognitiva e socioemocional.

Em cada ano escolar será dada ênfase a uma competência específica para que as famílias, os professores e os estudantes possam exercitar e aperfeiçoar de forma intencional habilidades relacionadas a cada uma delas, que chamamos de competência-estrela.

Entre em contato conosco e conheça mais detalhes da nossa proposta.





UMA EMPRESA GLOBAL COM MAIS DE 50 ANOS DE HISTÓRIA.

VAMOS JUNTOS EXPANDIR A EDUCAÇÃO.

Com as melhores e mais completas soluções educacionais para a sua escola.



Escaneie o QR Code e saiba mais!

www.santillanaeducacao.com.br

 /santillanaeducacao

 @santillanaeducacao

 /@santillanaeducacao

MKT • SANTILLANA EDUCAÇÃO • 98000431



 **SANTILLANA** EDUCAÇÃO

 COMPARTILHA  UNO  SFB  Richmond Solution  Edusfera  KEPLER  Richmond

 SANTILLANA ESPAÑOL  Proyección  CRESCEMOS  SALAMANDRA  leiomundo  MODERNA